



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ROSANE SANTOS GUEDEVILLE**

**PERFIL DA PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA SOBRE  
A TEMÁTICA DA CLASSE HOSPITALAR:  
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO?**

Salvador  
2009

**ROSANE SANTOS GUEUDEVILLE**

**PERFIL DA PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA SOBRE  
A TEMÁTICA DA CLASSE HOSPITALAR:  
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO?**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Barros.

Salvador  
2009

G938 Gueudeville, Rosane Santos.

Perfil da publicação científica brasileira sobre a classe hospitalar: produção de conhecimento? / Rosane Santos Gueudeville. - 2009.  
71 f.:il.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Barros.

Monografia (Graduação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação.

1. Pedagogia hospitalar. 2. Crianças doentes – Educação. 3. Ciência – Periódicos - Publicações. I. Barros, Alessandra. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 371.9 – 22. ed

***Dedico este trabalho a todos aqueles que assim como eu acreditam que é possível fazer uma Pedagogia diferente.***

## AGRADECIMENTOS

*Nosso maior desejo na vida é encontrar alguém  
que nos ajude a fazer o melhor que pudermos.*

*Ralph Waldo Emerson*

Assim, agradeço a Deus por me dar força, coragem, resistência e dedicação para chegar ao final desta jornada e iniciar outra; e, principalmente, por colocar pessoas tão especiais ao meu lado nesta trajetória. São elas:

Minha mãe Rose, que muitas vezes abdicou dos seus desejos para que eu pudesse realizar os meus, compartilhando comigo todos os choros, risos e ansiedade, sempre com palavras de conforto fazendo-me entender que tudo é possível quando lutamos, te amo mãe!

A minha avó Maria, sempre tão sábia e receptiva, sendo acima de tudo, um exemplo. Mostrando-nos quanto devemos ser fortes para alcançar nossos objetivos.

A minha família, pelo carinho e compreensão.

Ao meu namorado Anderson por ter sido bastante paciente, compreensivo, amoroso e parceiro nesta caminhada.

A minha orientadora Alessandra Barros, sempre atenciosa e receptiva dando-me diretrizes fundamentais para tornar possível a construção deste trabalho.

As minhas amigas, especialmente a Jaqueline, pelo apoio em todos os momentos.

À bibliotecária Sônia Chagas Vieira pelo seu cuidado, carinho e atenção nesta caminhada, dedicando muito do seu tempo para ensinar-me conhecimentos fundamentais durante a produção desta Monografia, além de revisá-la criteriosamente.

A professora Iracy Alves pelos ensinamentos durante minha formação e atenção dedicada ao meu trabalho monográfico.

As minhas amigas e amigos que conquistei durante meu estágio no SENAC, possibilitando-me uma experiência enriquecedora e gratificante.

A Álvaro Cardoso pela cuidadosa revisão do texto.

A Auxiliadora, Regina e Sara, todas da Biblioteca Anísio Teixeira da Faculdade de Educação da UFBA.

Muito obrigada por terem feito parte desta história!

*Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é possível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada. Para me interpretar e formular-me preciso de novos sinais e articulações novas em forma que se localizem aquém e além da minha história humana. Transfiguro a realidade e então outra realidade sonhadora e sonâmbula me cria.*

Clarice Lispector

GUEUDEVILLE, Rosane Santos. **Perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da classe hospitalar: produção de conhecimento?** 71 f. il. 2009. Monografia (Graduação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal investigar o perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da classe hospitalar, buscando compreender se são realizadas em favor da construção de novos conhecimentos. Por entender a importância do fazer científico na legitimação e consolidação de uma nova área do saber, neste caso a Pedagogia Hospitalar, foi que nos lançamos no propósito desta pesquisa. Foram analisados 47 artigos publicados em periódicos científicos entre o ano de 1997 a 2008. Valeu-se da pesquisa documental e da Análise do Conteúdo, para quantificar e classificar os artigos e os periódicos em categorias. A primeira delas diz respeito ao tipo de trabalho existente nesses artigos, ou seja, ensaio, relato de experiência, relatos de pesquisa original (pesquisa com desenho de investigação) ou revisão de literatura. Buscou-se também a indexação dos periódicos nas bases de dados, SciELO, Edubase, Bireme e catálogo do INEP, a distribuição por área de conhecimento, número de publicações por ano e o levantamento das instituições de onde provinham tais publicações. Os resultados obtidos revelam que dos 47 artigos analisados 22 foram classificados com artigo de pesquisa original, apenas dois periódicos encontram-se indexados em todas as bases de dados citadas; as publicações são originárias em sua grande parte de instituições federais, e a análise específica dos 22 artigos enquadrados enquanto originais revela que a construção de novos conhecimentos acerca da Classe Hospitalar vem sendo construído de forma o bastante incipiente.

**Palavras-chave:** Classe Hospitalar. Periódicos científicos. Artigos científicos. Qualidade da produção acadêmica.

GUEUDEVILLE, Rosane Santos. **Profile of brazilian scientific publication on the subject of class hospital: production of knowledge?** 71 pp. il. 2009. Monografia (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

### **ABSTRACT**

This study aims to investigate the profile of the main Brazilian scientific publication on the subject of class hospital, trying to understand whether they are made in favor of building new knowledge. Considering the importance of doing the scientific legitimacy and consolidation of a new area of knowledge, in this case the Hospital Pedagogy, which was launched in the context of this research. We analyzed 47 articles published in scientific journals between the years 1997 to 2008. The documental research and the analysis os content werw the methods used to quantify and classify the articles and the journals into categories. The first one concerns the type of work in those articles: or test, reports of experience, reports of original research (research with design research) and literature review. It was also the indexing of journals in the database, SciELO, Edubase, Bireme and catalog INEP, the distribution by area of expertise, number of publications per year and the withdrawal of the institutions from which came such publications. The results show that 22 of 47 articles reviewed were classified as original research articles, only two journals, are indexed in all the databases mentioned, the publications originate in large part of their federal institutions, and specific analysis of the 22 framed as an original article shows that the construction of new knowledge about Class Hospital is being built in the very poor.

**Keywords:** Class Hospital. Journals. Papers. Quality of academic production.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIREME	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
Edubase	Base nacional de artigos de periódicos, eventos e relatórios da área de Educação
FEP	Faculdade Evangélica do Paraná
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
ISSN	International Standard Serial Number
U PUC PR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUC SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SciELO	Scientific Electronic Library Online
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFP	Universidade Federal de Pernambuco
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-Oeste
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UPUPSAM	Universidad Pontificia de Salamanca campus de Madrid
USP	Universidade de São Paulo

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Hospitais com escolas no Brasil.....	27
Gráfico 2	Hospitais com escolas distribuídos por região.....	28
Gráfico 3	<i>Directório</i> do Latindex – Distribuição do número de títulos por país de origem - 2006.....	34
Gráfico 4	<i>Directório</i> do Latindex – Distribuição do número de títulos por país de origem - 2009.....	34
Gráfico 5	Quantidade da publicação de artigos em periódicos sobre Classe Hospitalar no decorrer dos anos.....	37
Gráfico 6	Categorias de trabalhos existentes nos artigos científicos (números relativos).....	44
Gráfico 7	Número de publicações no decorrer do ano - 1997-2008.....	46
Gráfico 8	Distribuição dos periódicos científicos no <i>Qualis</i> .....	50
Gráfico 9	Artigo original e a identificação de aspectos da sua estrutura formal.....	54

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1	Artigos por origem do primeiro autor.....	45
Tabela 2	Número de publicações no decorrer do ano: 1997-2008.....	46
Quadro 1	Título do periódico e número de publicações por área de conhecimento.....	47
Quadro 2	Avaliação do <i>Qualis</i> por título do periódico.....	49
Quadro 3	Título do periódico indexação em bases de dados.....	52

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
2	<b>AMBIENTE HOSPITALAR: CONTEXTO DE UMA NOVA PEDAGOGIA</b> .....	18
3	<b>PEDAGOGIA HOSPITALAR: UM CAMPO NASCENTE DE SABERES E PRÁTICAS</b> .....	23
4	<b>CRESCIMENTO TEÓRICO DA CLASSE HOSPITALAR: CONSOLIDAÇÃO DAS PRÁTICAS EM SABERES</b> .....	31
4.1	UM PROCESSO REVELADO NOS PERIÓDICOS E ARTIGOS CIENTÍFICOS.....	32
4.2	UM PROCESSO DE MEDIDA DA QUALIDADE DOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS - SISTEMA <i>QUALIS</i> .....	36
5	<b>CONTEXTUALIZANDO OS MÉTODOS: PESQUISA DOCUMENTAL E ANÁLISE DE CONTEÚDO</b> .....	39
6	<b>ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	42
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	55
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	59
	<b>ANEXO A</b> – Definição de estratos pelo Sistema de qualificação <i>Qualis</i> .....	65
	<b>APÊNDICE A</b> – Referências identificadas e analisadas quanto à temática presente.....	67
	<b>APÊNDICE B</b> – Referências identificadas e analisadas quanto à classificação de artigos originais.....	70

## 1 INTRODUÇÃO

*Tenho que escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigoso de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele derramo sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as que eu digo escondem outras – quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo. (LISPECTOR, 1978 apud FONTES, 2005 a, p. 122)*

A escrita propicia grandes descobertas ao nos levar por leituras que revelam muitas vezes algo desconhecido. É assim que defino o meu encontro com a Pedagogia Hospitalar, esta que me fez realizar buscas e levou-me por caminhos de reflexões, conhecimentos e possibilidades.

O interesse pela citada temática teve início durante a realização de um curso cuja pretensão foi a de indicar outras possibilidades de atuação do pedagogo. Depois desse contato comecei a explorar literaturas que versassem sobre esse saber, e quando pensei ser um tema que ainda estivesse bastante distante da minha realidade me deparo com a experiência da professora e pesquisadora Alessandra Barros, que já vem trilhando caminhos a respeito da prática pedagógica em enfermarias pediátricas, utilizando como um dos suportes para discussões e desenvolvimento de estudos, a disciplina *Pedagogia Hospitalar*, oferecida aos alunos do curso de Pedagogia sob a sua responsabilidade.

Cursar esta disciplina possibilitou-me a construção de um novo olhar acerca dessa nova área do saber me impulsionando buscar uma possível orientação que felizmente consegui. Assim, ao apresentarmos o referido trabalho, estamos, realizando, desvendando e contribuindo para o crescimento de uma nova ciência, a Pedagogia Hospitalar, definida por Fonseca (2003, p. 22) como:

Uma prática pedagógica–educacional diária que visa dar continuidade aos estudos das crianças em convalescença, com o objetivo de sanar dificuldades de aprendizagem e/ou oportunizar a aquisição de novos conteúdos. Atuando também como um acompanhamento do aluno fora do ambiente escolar, esta se propõe a desenvolver suas necessidades psíquicas e cognitivas utilizando programas lúdicos voltados à infância, entretanto sua ênfase recai em programas sócio-interativos, vinculando-se aos sistemas educacionais como modalidade de ensino – Educação Especial – ou ao sistema de Saúde como modalidade de atenção integral – Atendimento Pedagógico Educacional Hospitalar.

Entretanto, essa nova modalidade de ensino requer profissionais que estejam disponíveis não somente para atenuar o sofrimento decorrente de doenças nas crianças hospitalizadas, mas, sobretudo, realizar tarefas que visem “[...] revelar a potencialidade da criança e não o seu fracasso” (FONTES, 2005 a, p. 24), fazendo com que as mesmas possam ter suas habilidades evidenciadas e descobrindo que são capazes de realizar atividades que se sobrepõem a sua doença.

Devemos, desse modo, ter em mente que “[...] a hospitalização leva a criança a se confrontar com um estado de desamparo ao perceber sua fragilidade corporal que resultou no adoecimento originando reações diversas [...]”. (AJURIAGUERRA, 1979 apud JUNQUEIRA, 2003, p. 193) Dessa forma, sua enfermidade acaba por ser vista, não somente por ela, mas também por seus familiares, de forma dolorosa, triste e limitante, e isso faz com que essa criança seja afetada por esse novo contexto.

Em vista disso, algumas situações acabam por fazer parte da rotina desse paciente, como exemplo, a ausência dos amigos, de seus familiares, dos seus brinquedos, e o afastamento da sua escola que, como sabemos, é a responsável por proporcionar ao indivíduo pleno desenvolvimento cognitivo, físico e biológico, além de permitir que a interação e socialização sejam de fato incluídas na sua vida, enquanto aluno, tornando possível o seu descobrimento a partir da relação com o outro. A esse respeito, Fontes (2005a, p. 134) nos mostra que:

A criança hospitalizada não deixa de ser criança por se tornar paciente. Ela caracteriza-se por intensa atividade emocional, movimento e curiosidade. A educação no hospital precisa garantir a essa criança o direito a uma infância saudável, ainda que associada à doença.

Partindo então desse princípio, a Pedagogia Hospitalar, evidencia que a continuação dos estudos das crianças e adolescentes não deve ser interrompida por conta da internação, uma vez que essa interrupção pode gerar alterações significativas na aprendizagem, e vir a interferir diretamente na recuperação e, conseqüentemente, na alta hospitalar desses enfermos.

Para tanto, alguns estudiosos dessa área de conhecimento como: Fonseca (1999a), Ceccim (2005), Fontes (2006), dentre outros, evidenciam que a existência de um acompanhamento pedagógico neste ambiente pode contribuir positivamente na concretização dos dois aspectos anteriormente citados.

Tal perspectiva faz surgir a necessidade de uma abordagem pautada na humanização por todos os profissionais inseridos no contexto hospitalar, dentre estes, os que atuam nas escolas dos hospitais, os docentes, que devem ter, na sua prática, o cuidado de perceber que as crianças e jovens que ali se encontram apresentam restrições impostas por conta de um tratamento hospitalar e necessitam ser compreendidos e respeitados. Além disso, cabe a esses docentes trazerem consigo a chamada “escuta pedagógica”, proposta por Ceccim (1997), e entendida como sendo um novo pensar a saúde da criança doente que vivencia a internação, pois sua vida não só continua em processo de aquisição de aprendizagens formais, como também tem no seu desenvolvimento intelectual, uma importante via de apropriação compreensiva do que lhe acontece no hospital e na estimulação cognitiva. Fontes (2005b, p. 25), ainda sobre esta questão, nos acrescenta que:

Por uma questão pedagógica, as atividades realizadas no dia devem ter início, meio e fim. O grupo de hoje, quase sempre, não é o mesmo grupo de amanhã. Com isso, as crianças recém-chegadas ao hospital não se sentem perdidas nas atividades e podem participar como as outras. É aconselhável dar um desfecho para a atividade do dia, fazer uma avaliação junto com as crianças e expor os trabalhos produzidos. Outro ponto que merece destaque: o planejamento precisa ser bem feito, mas deve ser bem flexível e é regulado pelo interesse e disposição da criança.

Contudo, teorias e estudos que fundamentam esta prática pedagógica, que acontece no ambiente hospitalar, ainda são bastante incipientes, o que faz com que essa modalidade de ensino ainda seja pouco conhecida em nível nacional e se

constitua enquanto ciência. Isto porque, o reconhecimento de uma determinada área do saber, dar-se em grande parte pelo que ela tem produzido cientificamente.

Alguns estudos nos deixam evidente a devida importância do monitoramento da produção científica, assim como a avaliação do crescimento dessas produções em prol da consolidação e legitimação de um novo campo de conhecimento. Neste sentido é que nos prestamos à realização deste estudo, razão pela qual definimos no processo de investigação deste trabalho como **objetivo principal** analisar o perfil da produção existente na área de conhecimento da Classe Hospitalar constantes nos periódicos científicos. Como **objetivos específicos** visou: verificar o tipo de produção acadêmica existente nos artigos; apreciar a qualidade das publicações, no sentido de julgá-las como contributivas à consolidação de um novo campo do saber, qual seja a Pedagogia Hospitalar; categorizar os periódicos e artigos científicos levando em conta aspectos responsáveis por conferir-lhes características qualitativas e quantitativas.

O trabalho monográfico em pauta elegeu como pergunta de investigação: **Qual o perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da classe hospitalar?** Do ponto de vista ao fomento à produção de novo conhecimento, importante diferencial para a consolidação de um campo do saber.

Por produção de conhecimento entende-se, ainda, aquela reflexão sintetizada e publicada em veículos acadêmicos de reconhecida qualidade, e cuja circulação propiciará o debate calcado em bases teóricas consagradas, e suscitará conceitos que favoreçam o diálogo entre a comunidade científica.

Entendemos que o periódico científico é o veículo por excelência, melhor adequado à circulação de ideias, em razão da criteriosa apreciação pelos pares, ao qual seus produtos são submetidos. Como afirmam Ferreira e Targino (2005, p. 14), no prefácio do livro *Preparação de revistas científicas*:

As revistas ou periódicos científicos são, sem dúvida, a memória da ciência. Deve-se lembrar que o principal objetivo da atividade científica é a produção do conhecimento. Para que o conhecimento seja útil é imprescindível, inicialmente, sua difusão entre os pares, depois à sociedade, para que esta possa usufruir dos benefícios advindos do conhecimento. E o canal formal de comunicação eleito pelos pesquisadores, em todos os países, é o periódico científico, que divulga resultados recém-gerados e conta com o crivo do

sistema de avaliação por pares, o que lhe confere maior legitimidade e credibilidade.

Embora muito se tenha publicado através desses periódicos, algumas áreas de conhecimento ainda carecem de obras sistematizadas. Neste sentido, nos questionamos a respeito do que se tem escrito sobre a Classe Hospitalar. Desejamos, dessa forma, saber se de fato essas investidas têm sido reflexivas e ultrapassam o deslumbramento inicial dessa nova modalidade educacional em hospitais, e se põe tal fato a uma análise empírica interrogando suas reais condições de realização (BARROS, 2008), ou se apenas representam argumentos já conhecidos e que não se somam para a constante busca de novas descobertas.

Utilizou-se, para tal finalidade, uma leitura exploratória acerca das publicações existentes em formato de artigos científicos, estes em número de 47 distribuídos entre no período de 1997 a 2008. Verificou-se nestes o tipo de trabalho existente, ou seja, ensaio, relato de experiência, relato de pesquisa original (pesquisa com desenho de investigação), resenha ou revisão de literatura. Analisamos também, quais as instituições de onde provinham tais publicações, e o número destas no decorrer dos anos acima citados. Foi também examinada a distribuição desses periódicos por áreas de conhecimento por entender a Pedagogia Hospitalar como uma modalidade de educação genuinamente interdisciplinar, além da realização de um levantamento da indexação dos periódicos nas principais bases se dados, a saber: catálogo do INEP, Edubase, SciELO e Bireme. Não deixando, portanto, de verificar a qualidade desses mesmos periódicos submetidos à avaliação do *Qualis*. Por fim, foram novamente analisados aqueles artigos classificados como relato de pesquisa original (pesquisa com desenho de investigação), levando então em consideração os elementos constituintes responsáveis pela estrutura formal dos mesmos, a saber: introdução, objetivos, material e método, resultados, discussão, conclusões ou considerações finais, presença de resumo e *abstract*. Nesta etapa levou-se também em conta aspectos do periódico científico, como: número de publicações e avaliação do sistema *Qualis*, para que pudéssemos chegar à uma melhor conclusão acerca da qualidade daquela produção.

Os capítulos que se seguem a esta *Introdução*, estão encadeados de modo a permitir aos leitores a compreensão das bases teórico-conceituais da Classe Hospitalar (e até mesmo, do hospital como instituição); o entendimento da

problemática que fundamentou a pergunta de pesquisa, bem como a compreensão das etapas empíricas do fazer investigativo, e por fim, o compartilhamento ou não das nossas análises e conclusões.

## 2 AMBIENTE HOSPITALAR: CONTEXTO DE UMA NOVA PEDAGOGIA

*A doença é uma experiência de inovação positiva do vivo e não mais apenas um fato diminutivo ou multiplicativo. O conteúdo do estado patológico não se deixa deduzir, salvo diferença do formato, do conteúdo da saúde: a doença não é uma variação da dimensão da saúde; ela é uma nova dimensão da vida. (CANGUILHEM, 1975 apud SIVADON, 1988, p.19)*

Quando nos deparamos com uma enfermidade, certamente recorreremos ao hospital, entendido atualmente como um local cujo objetivo principal é a cura de doenças. Porém, nem sempre foi assim, na Idade Média e até o século XVIII, o hospital não era um local onde se exercia a medicina, e sim um depósito de mendicância onde as pessoas eram recolhidas para morrer. Para Foucault (1999, p. 99):

O hospital como instrumento terapêutico é uma invenção relativamente nova, que data do final do século XVIII. A consciência de que o hospital pode e deve ser um instrumento destinado a curar aparece claramente em torno de 1780 e é assinalada por uma nova prática: a visita e a observação sistemática e comparada dos hospitais.

Assim sendo, o hospital, naquele momento, não era compreendido como meio capaz de curar as doenças, e esse de fato não estava muito interessado em ser essencial para a vida humana, ficando evidente que muitos doentes que ali estavam quase nunca tinham sua patologia curada e que nem sempre as rotinas que imperavam no local favoreciam para tal acontecimento. Os registros anteriores dos papéis que desempenhava ficam evidenciados em Foucault (1999, p. 101):

[...] antes do século XVIII, o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres. Instituição de assistência, como também de separação e exclusão. O pobre como pobre tem necessidade de assistência e, como doente, portador de doença e de possível contágio, é perigoso. Por estas razões, o hospital deve estar presente tanto para recolhê-lo, quanto para proteger os outros do perigo que ele encarna. O personagem ideal do hospital, até o século XVIII, não é o doente que é preciso curar, mas o pobre que está morrendo. É alguém que deve ser assistido material e espiritualmente, alguém a quem deve dar os últimos cuidados e o último sacramento. Esta é a função essencial do hospital.

Era então encarado o ser humano doente apenas como um mal possível à sociedade, por isso era de fundamental importância que esse se encontrasse o mais longe possível e tivesse o mínimo de contato com aqueles que eram tidos como saudáveis. O que para Werner (2005, p. 23, grifo do autor), “[...] na maioria das vezes esta **saúde é vista como ausência de doença**, tendo, portanto **a doença como uma entidade**, um **ser** sólido localizado no indivíduo com uma causa específica”.

Dessa maneira, a ideia de enxergar o indivíduo doente, como sendo merecedor de um tratamento que tenha como princípio o seu afastamento social, vai se encontrar presente desde meados do século XVIII, em toda a problemática da anomalia e em todas as técnicas judiciárias e médicas que são construídas para lidar com a questão, configurando a anormalidade como uma espécie de monstruosidade atenuada. (FOUCAULT, 1999; HELMAN, 2003; CANGUILHEM, 2006)

[...] nesse cenário [...] o paciente tem um papel passivo, de simplesmente responder às condutas normativas de higiene, organização do espaço e regras de controle sobre o meio ambiente que assegurem sua recuperação. São influências do legado religioso, em que a doença carrega o sentido da culpa a ser expiada pela dor e a prestação de serviço garante o reino dos céus. Esses fatores tiram do paciente a possibilidade de relações simétricas, apoiadas na sua potência. Colaboram na instituição de relações baseadas em submissão, medo e piedade. Reforçam o foco do atendimento na solução de sintomas e não no desenvolvimento de saúde. (MASETTI, 2003, p. 34)

Diante disso, percebeu-se a necessidade de uma alteração da funcionalidade hospitalar, entendendo que este espaço deveria passar por reformulações, estas

que permitissem compreender o ser humano de maneira mais integral e onde a sua doença não viesse se sobrepor as suas necessidades enquanto ser social.

O indivíduo deixa, então, de ser compreendido somente como plural e passa a ser encarado também em sua singularidade e o hospital passa a reconhecer à importância que deve ser dada às manifestações apresentadas pelos sujeitos, estes que são também responsáveis pelo seu processo de hospitalização. (SIVADON; ZOILA, 1998, SCLiar, 2007)

Para tanto, a percepção da doença no doente supõe um olhar qualitativo, e os objetivos estabelecidos devem a longo ou a curto prazo estarem fixados para ser alcançados visando o restabelecimento do paciente e fazendo com que este retorne para a sociedade, de modo a poder desempenhar as atividades que antes faziam parte da sua rotina e, caso essa doença traga consigo a **incapacidade do paciente** este deve ser preparado para encará-la e adaptar-se as modificações que a mesma possa acarretar, fazendo com que se possa estabelecer e compreender o novo e mais atual conceito do que venha a ser de fato a relação entre saúde e doença. A própria Organização Mundial de Saúde (OMS), traz em sua definição a saúde como sendo um estado de bem - estar físico, mental e social.

Neste contexto surge à humanização no hospital, fazendo com que as instituições revejam suas práticas e suscitem transformações que perpassem não somente por todo o hospital, mas principalmente reflitam em toda a sociedade. Para Godoi (2004, p. 102), “[...] o hospital é uma atividade essencialmente humana, portanto, o centro da atenção no hospital precisa ser o homem, o paciente”. Dessa forma o paciente deve ser compreendido de maneira integral e em todas as suas dimensões, não apenas fisiológica, mas, sobretudo, a emocional, psicológica e social, porque:

Quando o paciente é a razão da existência, ele não deveria perder o nome ou a dignidade durante uma internação hospitalar. Tampouco deveria ter a sua doença como sendo mais importante que ele mesmo, deixando de ser “o paciente do aneurisma” ou “a paciente da curetagem”. O órgão doente não deve prevalecer sobre o paciente, colocando-o como um ser secundário ao ser tratado. (GODOI, 2004, p. 102)

Observa-se que dentro de todo o processo de humanização há especificidades, e que estas são modificadas quando destinadas ao público a ser atendido. Por exemplo, no atendimento dedicado às crianças e adolescentes, Morsch e Aragão (2006) mostram-nos que: “[...] por algum tempo pensou-se que a humanização em hospitais dedicados a esses pacientes seria a possibilidade de os pais acompanharem seus filhos durante a internação – fosse em cuidados intensivos, ou nas enfermarias”. Acreditava-se, portanto que fatores como: o risco de infecções, a falta de conhecimento desses pais diante da patologia, a crença de que esses familiares não dedicariam cuidados adequados, justificados também por uma ineficiente estrutura hospitalar tornaria inviável a proximidade de pais e mães com seus filhos hospitalizados.

Nesse tocante, Barros (2008, p. 34) afirma que “[...] nos termos da política de humanização do Ministério da Saúde”, os pacientes pediátricos “são alvos de atenção preferenciais”, uma vez que são mais susceptíveis aos problemas resultantes da baixa qualidade dos serviços prestados. Assim, pensar a humanização direcionada por um único olhar é deixar de lado direitos conquistados e que, portanto devem ser não somente respeitados, mas, sobretudo, realizados. Matos e Mugiatti (2006, p. 21) ressaltam que:

[...] atentando para tal situação e, no intuito de contribuir para a solução e prevenir tais problemas é que os hospitais vêm envidando esforços no sentido de que sejam realizados trabalhos multi/inter/transdisciplinares, no propósito de oferecer aos seus usuários amplo e qualificado atendimento de forma mais humanizada.

A partir da compreensão dessa visão, o indivíduo deve passar a ser sujeito do tratamento ao qual está sendo submetido, e não apenas um objeto de intervenção clínica. Desta forma, o paciente começa a se enxergar enquanto ser social, emitindo suas insatisfações e desejos, ultrapassando algumas imposições e limitações que a hospitalização possa lhe causar.

Não se pode esquecer que a doença já traz uma nova situação com a exigência de adaptações e novas formas de convivência, as quais nem sempre são esperadas pelo doente e/ou por aqueles que fazem parte da sua história (pais, irmãos, amigos, familiares e escola) e o afastamento desta criança e/ou adolescente

do seu cotidiano, principalmente, do contexto educacional poderá gerar efeitos negativos; pois como sabemos nem sempre o caminho para o tratamento de qualquer patologia pode ser apenas uma consulta rápida ao médico, torna-se muitas vezes necessária a realização de outros procedimentos, como afirma Morita e colaboradores (2003, p. 87):

[...] quando o caminho a seguir é a hospitalização, os sentimentos aflorados com uma doença são intensificados deparando-se com uma situação nova e estressante. A pessoa sente-se fragilizada, pois é através do corpo que se evidencia a fragilidade humana, sentindo a perda de seu capital energético e equilíbrio biológico, psicológico e social.

É neste contexto que vem emergindo a **Pedagogia Hospitalar**, como um campo disciplinar que instrui a escolarização em hospitais. Esta modalidade de atendimento, por sua vez, anseia minorar o sofrimento emocional e social decorrente das hospitalizações na infância. Ressalvo, entretanto, que outras terminologias são aceitáveis para a citada modalidade de atendimento, tais como classe hospitalar e escolarização em hospitais. Reconhecendo as controvérsias entre estudiosos da temática, acerca da legitimidade das diferentes nomenclaturas, estarei assumindo o termo classe hospitalar para me fazer entender.

### **3 PEDAGOGIA HOSPITALAR: UM CAMPO NASCENTE DE SABERES E PRÁTICAS**

*São as descobertas que rompem as teorias e revolucionam o pensamento científico, nascendo então uma nova forma de olhar sobre a natureza e sobre o homem. (FREIRE-MAIA, 2000, p. 102)*

Os caminhos percorridos para a construção de uma nova área de conhecimento decorrem de buscas que propiciem descobertas para a compreensão de um campo nascente não apenas de prática, mas principalmente de saberes. Assim, a Pedagogia Hospitalar pode ser entendida, uma área do saber que alimenta e contém as práticas da classe hospitalar. Esta, por sua vez, é uma submodalidade da educação especial que visa permitir às crianças e adolescentes em períodos de internação a continuidade da aprendizagem, reconhecendo que, embora doente, o seu processo de desenvolvimento não pára e deve, portanto, ser constantemente incentivado. Matos e Mugiatti (2006, p. 29-30), ainda nos acrescentam que:

[...] neste ângulo de possibilidades educativas é que se situa a área de educação diferenciada – o hospital – onde se situam crianças/adolescente em tempo de escolarização [...]. Daí a necessidade emergencial de transferência do local comum de aprendizagem – a escola – para o hospital.

Neste sentido, esse novo campo da educação se apresenta como um instrumento capaz de permitir e perceber a necessidade da inserção da criança e do adolescente hospitalizado, na realidade anterior à doença. Porque, quando submetidos ao tratamento, esses enfermos encontram múltiplos e negativos aspectos, que vão desde a perda de cabelo, amputações, acessos, trações, e outras

limitações que os afetam não apenas fisicamente, mas geram, principalmente, alterações emocionais, por terem que devido à doença, se afastar dos pais, amigos e escola, passando a (con)viver em um espaço onde a dor e o sofrimento muitas vezes se sobrepõem a outros sentimentos. Diante disso,,

[...] a ação pedagógica é um auxílio de grande valor [...] no estabelecimento do seu contato com o ambiente hospitalar, à medida que pode tornar mais íntegra à interação entre ambas as partes (profissionais e pacientes), via transmissão-aquisição de conhecimentos novos e necessários ao entendimento dessa situação. (DORIN, 1991 apud MENEZES, 2004, p. 31)

Contudo, quando a criança e/ou adolescente têm uma doença crônica e/ou progressiva, associado a longos períodos de internação como a exemplo, do câncer, da anemia falciforme, da diabetes e da AIDS, entre outras, esses pacientes tendem a ser “superprotegidos” e aos olhos de outros espectadores tornam-se um ser frágil, incapacitado e que devem ser cercados de todos os cuidados. Porém, esse excesso de dependência pode gerar argumentos e atitudes que vigoram o afastamento da criança e do adolescente do ambiente escolar. Segundo Gonçalves e Valle (1999, p. 247):

[...] quando um de seus filhos está doente e há tantas preocupações relacionadas aos problemas relativos à saúde física da criança, os pais geralmente se esquecem dos aspectos escolares ou os relegam a segundo plano.

Entretanto, é fundamental fazer com que essas crianças e/ou adolescentes e seus responsáveis percebam que mesmo durante o tratamento é possível dar continuidade aos seus estudos. Dessa forma, cabe ao professor responsável pelo processo de ensino-aprendizagem ocorrido no contexto hospitalar, mediar e facilitar a participação desses alunos nas atividades escolares e fazer com que haja interação e socialização. Sob essa perspectiva Matos e Mugiatti (2006, p. 27) fazem a seguinte abordagem:

A escola de fato, é o meio de socialização por excelência, onde o escolar desenvolve treinamento em habilidades sociais, em ambiente natural e alegre – a sua ruptura pode ocasionar graves problemas de natureza psicopatológica.

Com o intuito de não permitir a instalação desses problemas e sua presença no processo de desenvolvimento desses alunos, que necessitam de um atendimento especial, foi fundada em Paris no ano 1935 pelo educador Henri Sellier, a escola hospitalar, seguindo-se na Alemanha, em toda a França, na Europa e nos Estados Unidos, sendo que essa escola se prestava ao atendimento de crianças com tuberculose que não tinham condições de freqüentar uma instituição regular. (VASCONCELOS, 2003 apud VASCONCELOS, 2006)

No Brasil, segundo Fonseca (1999b), a implantação da primeira escola acontece somente a partir da década de 50, localizada no Hospital Bom Jesus, no Rio de Janeiro, com o propósito de atender crianças com paralisia infantil que permaneciam internadas durante anos. Percebe-se, então, que há algum tempo já havia a preocupação de fornecer recursos pedagógicos que visassem o enfrentamento da enfermidade por crianças e/ou adolescentes.

A expansão dessa modalidade de ensino no Brasil foi fundamentada pela elaboração de alguns documentos que de fato reconhecem legalizam a validade desse atendimento pedagógico em hospitais. Dentre eles, podemos citar: o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (BRASIL, 1990), a *Lei dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes Hospitalizados* (BRASIL, 1995), elaborada pela *Sociedade Brasileira de Pediatria* (SBP) e pelo *Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente* (CONANDA), onde em sua Resolução nº 41/95 ressalta alguns aspectos, dentre os quais citamos, abaixo:

- Direito à proteção à vida e à saúde, com absoluta prioridade e sem qualquer forma de discriminação.
- Direito a ser hospitalizado quando for necessário ao seu tratamento, sem distinção de classe social, condição econômica, raça ou crença religiosa.
- Direito de não sentir dor, quando existem meios para evitá-la.
- Direito do conhecimento adequado de sua enfermidade, dos cuidados terapêuticos e diagnósticos a serem utilizados, do prognóstico, respeitando sua fase cognitiva, além de receber amparo psicológico, quando se fizer necessário.
- Direito a desfrutar de alguma recreação, programas de educação para saúde, **acompanhamento curricular escolar, durante sua permanência hospitalar** (grifo nosso).

Este último aspecto salientado mostra a devida importância do exercício pedagógico que deve ser destinado às crianças e adolescentes em fase de

hospitalização. Para tanto, em 2002, o Ministério da Educação (MEC), através de sua Secretaria de Educação Especial, elaborou o documento *Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações* assegurando o acesso à educação básica. Em Santa Catarina, a Secretaria de Educação elaborou por meio da Portaria nº. 30, SER, de 05/ 03/2001 documento que “Dispõe sobre a implantação de atendimento educacional na Classe Hospitalar para crianças e adolescentes matriculados na Pré-Escola e no Ensino Fundamental, internados em hospitais”. (FONSECA, 1999a; FONTES, 2005a)

Considera-se que a educação é, por lei, um direito de toda e qualquer criança e deve ser praticada, mesmo que não seja em ambiente escolar. Assim, nos afirma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 no Capítulo V – Da Educação Especial, artigo 58, e § 2º: “O atendimento será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular”. Define-se, então, a classe hospitalar, segundo as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica como um:

Serviço destinado a prover mediante atendimento especializado, a educação escolar a alunos impossibilitados de freqüentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar ou atendimento ambulatorial. (BRASIL, 2001, p. 51)

Nesse sentido, configurando-se alguns resultados de pesquisas que evidenciam a necessidade de se promover um atendimento pedagógico no espaço hospitalar. Podemos citar a realizada por Silva e colaboradores (2008), no que diz respeito ao desenvolvimento de um estudo que demonstrou a importância da educação no leito oferecida a crianças internadas. Nessa pesquisa foram ouvidos a equipe pedagógica, as crianças e seus acompanhantes, utilizando como recurso a aplicação de questionários. Os resultados revelam que 75% dos professores (n= 4) acreditam que a classe hospitalar está alcançando os objetivos propostos, 100% das crianças (n= 12) gostam desse tipo de ensino, e para 100% dos acompanhantes (n= 12) é aconselhável à criança estudar mesmo internada e que percebeu a influência da classe hospitalar na recuperação da criança.

Percebemos, portanto nessa pesquisa, que a Classe Hospitalar de fato vem contribuindo positivamente para a superação da internação da criança hospitalizada, tanto na visão docente, na visão da própria criança e também no entendimento dos seus responsáveis.

Contudo, é preciso destacar que embora seja prevista na legislação brasileira, e que existam professores para a realização dessa modalidade de atendimento educacional, os hospitais de modo geral, têm feito muito pouco, para possibilitar às crianças e/ou adolescentes hospitalizados a continuidade dos seus estudos. E isso tem de certa forma impossibilitado a instalação dessa modalidade educacional, que vem aos poucos mostrando ser de suma importância para o restabelecimento de crianças e/ou adolescentes que se encontram internados nas enfermarias hospitalares.

Outro estudo realizado por Fonseca (2008) refere-se ao número de escolas hospitalares implantadas no Brasil, conforme se observa no Gráfico 1.

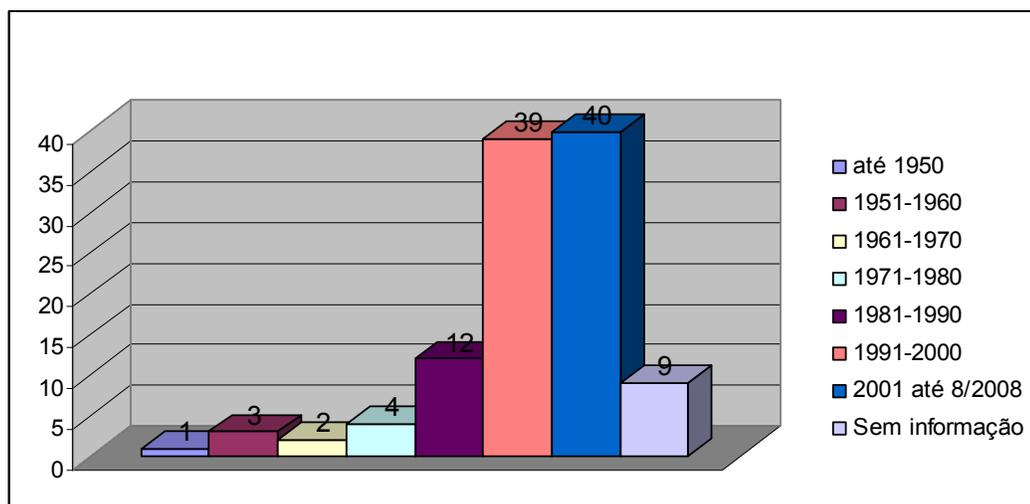


Gráfico 1: Hospitais com escolas no Brasil  
Fonte: Adaptado de Fonseca (2008)

Muito embora possamos perceber, a partir da leitura do Gráfico 1, um aumento significativo no número de escolas em hospitais desde o ano de sua implantação, 1950, até os dias atuais, verificamos que essa quantidade ainda é bastante incipiente diante da demanda existente. E se formos para uma análise das regiões que apresentam esses hospitais, conforme o Gráfico 2 isso se torna ainda mais evidente.

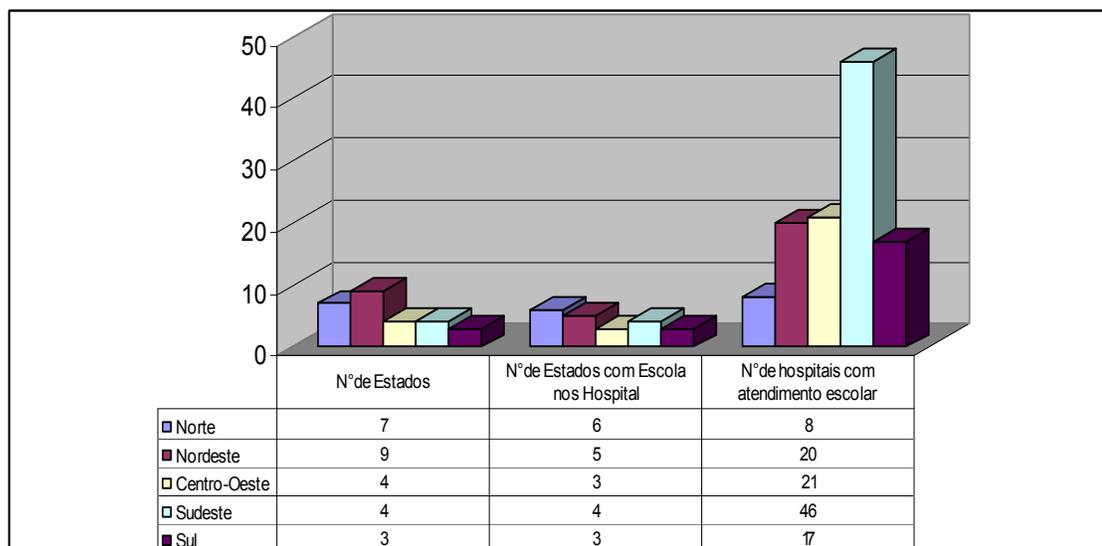


Gráfico 2: Hospitais com escolas distribuídos por região.

Fonte: Adaptado de Fonseca (2008)

Assim, observamos que as maiores concentrações de hospitais com escolas estão de acordo com Fonseca (2008), na região Sudeste, no estado de São Paulo com 25 hospitais, e Rio de Janeiro com 13, seguidos da região Nordeste, onde a Bahia apresenta em número de 13; Centro-Oeste merecendo destaque para o Distrito Federal, que apresenta nove hospitais com atendimento pedagógico, e Santa Catarina, na região Sul, com sete. Notamos, desse modo, a existência de um número pequeno de hospitais que aderiram a essa mais nova modalidade de educação e que reconheceram a sua importância e os benefícios.

Para tornar possível a realização desses benefícios, temos, além dos profissionais que já fazem parte do contexto hospitalar, o professor. O Ministério de Educação registra no documento *Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: – estratégias e orientações* como um profissional que deve ter

[...] formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo. (BRASIL, 2002, p. 22)

A ação desse profissional, na Classe Hospitalar, pode ser exercida nos mais diferentes espaços que constituem o hospital: das brinquedotecas aos leitos. As atividades de cunho pedagógico e formativo ocorrem também na própria sala de aula, em espaços disponibilizados pelo hospital, ou ainda nos atendimentos ambulatoriais, utilizando-se de diversos recursos pedagógicos, dentre eles: os jogos, dramatização, desenhos e pinturas, a arte de contar histórias e brincadeiras, etc.

Assim, percebe-se que o Pedagogo tem, de maneira legítima, um novo campo de atuação, tornando-se dessa forma, um profissional como afirmam Libâneo e Pimenta (2002, p. 48) que pode:

Atuar como gestor/ pesquisador/ coordenador de diversos projetos educativos, dentro e fora da escola: pressupondo sua atuação em atividades de lazer comunitário; em espaços pedagógicos nos hospitais e presídios; na formação de pessoas dentro das empresas; que saiba organizar processos de formação de educadores de ONGs; que possa assessorar atividades pedagógicas nos diversos meios de comunicação como TV, rádio, Internet, quadrinhos, revistas, editoras, tornando mais pedagógicas campanhas sociais educativas sobre violência, drogas, AIDS, dengue; que esteja habilitado à criação e elaboração de brinquedos, materiais de auto-estudo, programas de educação a distância; que organize, avalie e desenvolva pesquisas educacionais em diversos contextos sociais; que planeje projetos culturais e afins.

Como se vê, a ampliação do campo trabalho do pedagogo é uma realidade que aos poucos vem se consolidando; pois sabe-se hoje que as atividades pedagógicas não devem ser somente vistas como possível em ambiente escolar, necessitando, portanto, ultrapassar o âmbito escolar formal, e envolver esferas mais amplas da educação. Já que a formação do indivíduo não pode se dá apenas nessas instituições, mas, sobretudo, em espaços que estejam ali sujeitos que anseiam por seu desenvolvimento, o que para nós, esse outro espaço é o hospital.

Entretanto, é necessário que o próprio profissional (re)conheça o ambiente em que desenvolverá suas atividades, uma vez que esse local ainda carece além de expansão, de muitas investidas que ampliem seu entendimento. Assim, Matos e Mugiatti (2006, p. 24) comentam que “[...] não se pode conceber que o educador fique em compasso de espera, como simples espectador dos fatos. Cabe a ele, sim, descruzar os braços e agir, fazer acontecer, tornando-se um agente de mudanças na produção do conhecimento”.

Sabemos que isso só será possível a partir de movimentos que visem à consolidação das práticas em saberes, porque, serão esses os responsáveis por fazer com que haja um crescimento e fortalecimento do novo objeto de estudo, apresentando contribuições epistemológicas e de fato fazendo ciência. Por isso nos propomos a analisar quantitativamente e qualitativamente algumas produções científicas a respeito dessa nova área do saber, a Classe Hospitalar.

#### 4 CRESCIMENTO TEÓRICO DA CLASSE HOSPITALAR: CONSOLIDAÇÃO DAS PRÁTICAS EM SABERES

*Assim como casas são feitas de pedras, a ciência é feita de fatos. Mas uma pilha de pedras não é uma casa e uma coleção de fatos não é necessariamente ciência. (POINCARÉ apud APPOLINÁRIO, 2006, p. 3)*

Fazer ciência não é apenas realizar descobertas que revelem uma saída para as práticas de vida diária é, sobretudo, “fornecer explicações sistemáticas”, decorrentes da necessidade de compreender a complexa rede que se esconde por traz das aparências superficiais dos objetos, “[...] que possam ser testadas e criticadas através de provas empíricas e da discussão intersubjetiva”. (KÖCHE, 2008, p. 29)

É exatamente neste mesmo sentido que acontece o movimento da consolidação das práticas em saberes e o crescimento da reflexão teórica sobre a Classe Hospitalar, pois se entende que o reconhecimento e a legitimidade de uma determinada área, enquanto ciência, são determinadas por diversos aspectos, destacando-se a finalidade deste estudo, a **produção de novo conhecimento** que, segundo Köche (2008), é um produto resultante da investigação científica. Assim, sempre que um cientista termina um trabalho de pesquisa, ou descobre alguma coisa nova, ele tem que divulgar seus resultados e conclusões para o restante da comunidade científica.

No entanto, se faz um questionamento quanto à veiculação deste conhecimento. Alguns autores afirmam que este pode ser perpetuado através dos livros. Isto poderia ser em parte verdade, já que sabemos que existem livros muito bons que nos apresentam informações importantes acerca de determinadas ciências. No entanto, não se pode esquecer que qualquer pessoa pode escrever, editar ou lançá-lo em livrarias, não havendo, portanto, um rigor na qualidade dessas publicações. Entretanto, há também informações que são apresentadas em

determinadas revistas que podem visivelmente ser classificadas como científicas, mas são denominadas como genéricas, ou seja, veicula-se nelas apenas teor de divulgação científica e quase sempre são escritas por jornalistas. (APPOLONÁRIO, 2006; KÖCHE, 2008)

Assim, para o pesquisador, seu progresso no local de trabalho e na comunidade científica é constantemente avaliado com base em sua produtividade na comunicação das pesquisas. É necessário publicar o resultado final, divulgando-o em local de alta visibilidade. Dessa forma, os produtos ao qual estamos nos referindo como responsáveis pelo crescimento e consolidação da Pedagogia Hospitalar como área de conhecimento, são os **artigos publicados nos periódicos científicos**, que versem sobre a temática da Classe Hospitalar.

#### 4.1 UM PROCESSO REVELADO NOS PERIÓDICOS E ARTIGOS CIENTÍFICOS

A comunicação tem sido para o homem um instrumento capaz de permitir que as relações se estabeleçam, compartilhando-se, neste sentido, de regras, culturas, modos de vida e comportamentos, estes permeados por definições e conceitos responsáveis por anunciar e mediar seus pensamentos. Assim, possibilitar a divulgação dos novos conhecimentos obtidos a partir de investigações científicas tem se tornado de suma importância para ele, fazendo-o criar recursos que viabilizem a circulação e a utilização das informações conquistadas. Neste sentido, Barbalho (2005, p. 124) faz o seguinte registro:

As novas tecnologias da informação e da comunicação assumem, cada vez mais, um papel ativo na chamada sociedade do conhecimento por favorecem a rápida acessibilidade a uma gama de saberes, proporcionando, por meio da interconectividade, a oferta intensa de informação.

Dessa forma, o conhecimento científico pode ser veiculado através dos mais diversos meios, utilizando-se de diferentes suportes, como a comunicação oral,

digital e escrita, sendo, portanto, esta última o foco do nosso trabalho. Essa comunicação escrita tem como importante veículo para sua disseminação e divulgação de resultados de pesquisas, os periódicos científicos, que, conforme Appolinário (2006, p. 48-49), são:

Um tipo especial de revista que possui certas características diferenciais em relação às revistas comuns. A primeira característica refere-se ao fato de que um periódico científico possui em *comitê científico-editorial*, que avalia a qualidade dos artigos submetidos à publicação. [...]. A segunda grande diferença [...] reside no procedimento de *indexação*<sup>1</sup>.

Vale salientar que além do comitê científico-editorial a revisão por pares (*peer review*) é uma exigência “[...] para sua consolidação como científico e consequente aceitação e respeito pela comunidade científica [...]”. (COSTA, 1996 apud STUMF, 2005, p. 105)

Para a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), o periódico é

[...] um dos tipos de publicações seriadas, que se apresenta sob a forma de revista [...] editada em fascículos com designação numérica e/ou cronológica, em intervalos pré-fixados (periodicidade), por tempo indeterminado, com a colaboração, em geral de diversas pessoas, tratando de assuntos diversos, dentro de uma política editorial, e que é objeto de Número Internacional Normalizado (ISSN).

Logo, o periódico científico é um importante canal formal de comunicação científica, onde os membros de uma determinada área do saber podem e devem divulgar os resultados de suas pesquisas que, ao serem registradas, acabam por validar disciplinas e campos de conhecimentos, gerando a veiculação da comunicação entre os cientistas e propiciando dessa forma o reconhecimento público pela prioridade da teoria ou da descoberta (APOLINÁRIO, 2006; BARBALHO, 2005; KÖCHE, 2008) Além disso, se prestam à

[...] registrar o conhecimento, atuando como memória da ciência; estabelecer a propriedade intelectual;

<sup>1</sup> Indexação significa “[...] reconhecimento de qualidade do periódico científico, possibilitando maior visualização dos autores e disseminação dos conteúdos”, em base de dados. (BARBALHO, 2005, p. 146)

servir como fonte de informação para o início de novas pesquisas e trabalhos científicos;  
**indicar a evolução de uma ciência;**  
 indicar o andamento de atividades científicas realizadas por pesquisadores e instituições;  
 inserir-se como instrumento de manutenção do padrão da qualidade da ciência. (ADAMI; MARCHIORI, 2005, p. 77, grifo nosso)

Porém, o aumento do número de títulos de periódicos com consequente aumento dos números de artigos revelam, atualmente, uma grande preocupação por partes de pesquisadores e instituições que fomentam recursos para a possível divulgação dos conhecimentos científicos utilizando tal veículo de comunicação.

Observamos nos Gráficos 3 e 4 um aumento desses títulos no ano de 2006 para o ano de 2009, utilizando-se como base de dados o Latindex<sup>2</sup>, através do seu *Directório* que, segundo Vieira (2006, p. 100) “[...] constitui o primeiro produto e oferece para cada título dados do ISSN bem como informações pertinentes para a sua recuperação”.

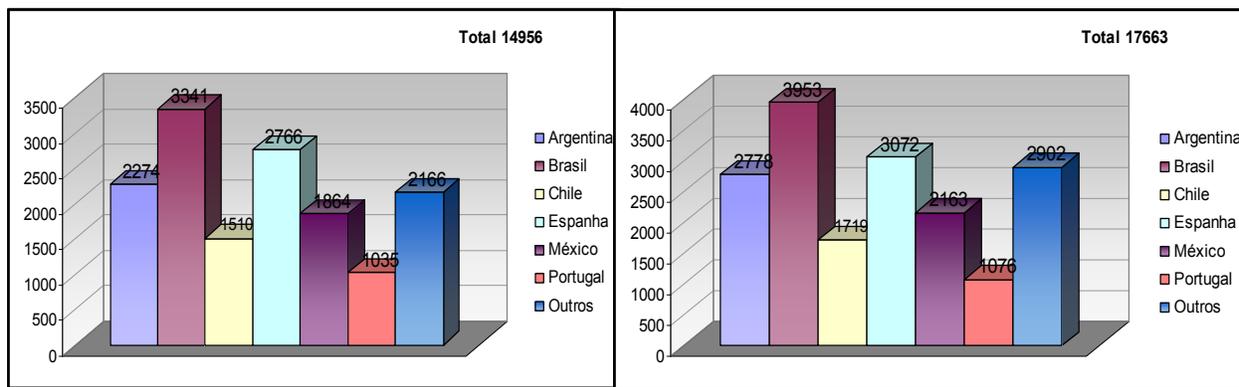


Gráfico 3 – *Directório* do Latindex – Distribuição do número de títulos por país de origem - 2006  
 Fonte: Latindex, junho, 2006 (VIEIRA, 2006, p. 99)

Gráfico 4 – *Directório* do Latindex – Distribuição do número de títulos por país de origem - 2009  
 Fonte: Latindex, junho, 2009

A partir da leitura do Gráfico 3, verificamos que dos 14 956 títulos de periódicos cadastrados no *Directório*, 3 341 se encontram no Brasil. Em junho de 2009, como nos mostra o Gráfico 4, este número foi acrescido de 912 títulos, totalizando 3 953 de 17 663. Outro país com maiores números de revistas

<sup>2</sup> Sistema Regional de Informação para Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal.  
<http://www.latindex.unam.mx>

registradas nessa base é a Espanha, com 2 766 em 2006 e 3 702, em junho de 2009, seguida pela Argentina, Chile e Portugal.

Entretanto, nem sempre os conhecimentos são divulgados através de periódicos reconhecidos devido, em razão muitas vezes, da falta de interesse de alguns pesquisadores, que estão simplesmente interessados em publicar e pouco se importam com a “[...] maneira como se opera a circulação das informações que publica [...], dando-se por satisfeitos quando veem seu trabalho impresso em alguma revista”, como nos afirma Oliveira (2002, p. 70).

Assim, entende-se que não basta apenas divulgar um conhecimento, este deve ser publicado em periódicos considerados de boa qualidade, pois, segundo Schwartzman (1984 apud OLIVEIRA, 2002, p. 70):

Publicações científicas e técnicas, quando feitas em revistas de boa qualidade, dotadas de sistemas adequados de avaliação e crítica de manuscritos desempenham ainda duas funções primordiais, ainda que pouco evidentes à primeira vista. Primeiro, elas têm um importante papel pedagógico junto ao pesquisador, que é levado a expor o resultado de sua pesquisa a outros especialistas em seu campo, recebendo sugestões, críticas e comentários que podem ser decisivos para aperfeiçoar e mesmo reorientar os trabalhos. Segundo, os corpos editoriais das revistas funcionam como um mecanismo altamente qualificado de avaliação final da pesquisa.

Assim, os periódicos científicos publicam, prioritariamente, resultados de pesquisas científicas, sendo compostos, em sua maior parte, por artigos originais, que “[...] não expressa apenas a opinião de seu autor, mas carrega consigo a chancela da comunidade científica, mediante o processo de avaliação a que impreterivelmente é submetido [...]”. (TARGINO, 2005, p. 45) Caso, por outro lado isso não aconteça tanto o periódico quanto o artigo nele publicado são acometidos por fatores negativos que:

Prejudicam o padrão de qualidade das revistas científicas brasileiras, como natural, também dificultam a sua aceitabilidade no meio técnico-científico internacional, impossibilitando a sua indexação em base de dados, até porque algumas dessas bases possuem critérios e filtros de qualidade próprios para seleção e inclusão de periódicos. Como consequência, a ciência e a pesquisa no Brasil têm a sua visibilidade prejudicada com abaixa divulgação dos títulos nacionais. (KRZYZANOWSKI, et al, 2005, p. 56)

Pode-se citar como exemplo, pesquisas que vêm sendo realizadas nos Estados Unidos com o intuito de evidenciar as publicações de cientistas oriundos de faculdades e/ou universidades. Zeff (1996, apud OLIVEIRA, 2002, p. 70) nos afirma que “[...] a sobrevivência dos cientistas é determinada pela sua produtividade científica, com ênfase na publicação em periódicos de alto prestígio, que é uma tentativa de conciliar quantidade com qualidade”.

Diante da importância de realizar levantamentos e análises constantes dos periódicos científicos que veiculam conhecimentos de diversas áreas do saber, que há também no Brasil, pesquisadores e instituições mobilizados para verificá-los, com o intuito de contribuir para o crescimento e desenvolvimento da qualidade das pesquisas científicas neles publicados.

Para tanto, foi criado em 1998 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) “[...] um sistema de avaliação, que constitui instrumento para ação direta no contexto da comunidade acadêmica, na busca de padrão de excelência.” (BARBALHO, 2005, p. 144), denominado *Qualis*.

#### 4.2 UM PROCESSO DE MEDIDA DA QUALIDADE DOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS - SISTEMA *QUALIS*

O sistema *Qualis* confere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir do exame da qualidade dos veículos de publicação, ou seja, periódicos científicos e anais de eventos. Esta avaliação era feita inicialmente, compreendendo classificações que variavam de A a C, sendo distribuídas em âmbito, local, nacional e internacional.

Atualmente, esses resultados são dispostos em estratos que variam de A-1 como seu topo, seguido de A-2, B-1 até B-5 e finalmente C, que é o estrato de valor zero (ANEXO A). Dupont e Dias (2008, p. 1283), nos afirmam que para se chegar a

tal classificação alguns critérios básicos e comuns a todas as áreas são aplicados como:

- a) o(s) critério(s) de classificação dos veículos deve(m) levar em consideração todos os veículos disponíveis e não somente aqueles em que a área eventualmente publica;
- b) veículos não indexados em alguma base de dados, sem corpo editorial e sem sistema de avaliação pelos pares devem ser classificados por todas as áreas como **impróprio (C)**. Serão classificados de A (1,2) a B (1-5) somente os veículos *indexados em alguma base de dados, com corpo editorial e com avaliação pelos pares.* (pareceristas *ad hoc*).

Assim, o pesquisador terá, de forma segura, informações referentes à qualidade do periódico científico no qual deseja publicar o seu artigo, não correndo o risco de divulgá-lo em revistas que não são consideradas de qualidade, o que acaba interferindo também na interpretação das informações contidas em seus escritos.

Contudo, essa preocupação não se dá apenas em nível institucional. Por isso, algumas pesquisas foram ou estão sendo realizadas por estudiosos que buscam também contribuir na solução de tal problema, ao realizar pesquisas com o propósito de quantificar e avaliar a qualidade dos artigos que se referem à determinada área do saber. Citamos, como exemplo, o trabalho de Santos e Mohr (2005) que teve como foco a identificação da literatura e análise da temática do ensino de Ciências na Classe Hospitalar, utilizando periódicos revisados na área de saúde e educação, por entender essa temática como sendo uma área genuinamente interdisciplinar.

Essas pesquisadoras relatam que a principal dificuldade encontrada para a execução da pesquisa foi justamente a escassez e dificuldade de encontrar estudos que abordasse tal tema de interesse. A partir deste trabalho podemos visualizar a evolução das publicações nas citadas áreas do conhecimento (GRÁFICO 5).

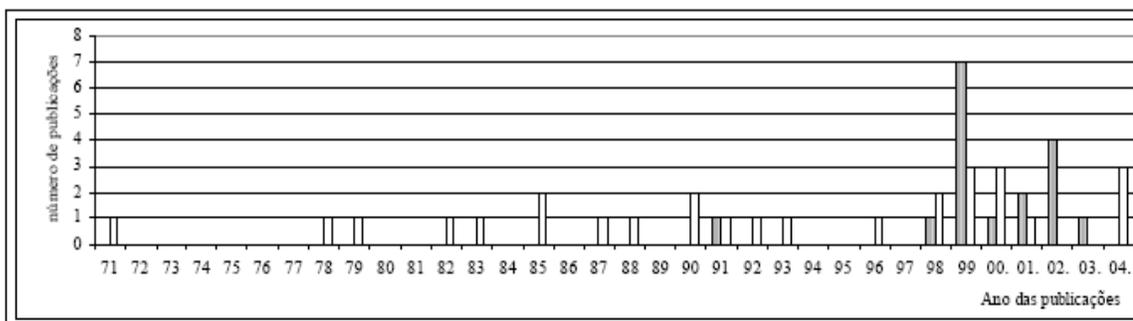


Gráfico 5: Quantidade da publicação de artigos em periódicos sobre Classe Hospitalar no decorrer dos anos. Fonte: Santos e Mohr (2005, p. 10)

Observa-se, desse modo, que as barras brancas referentes à saúde vem sendo constante a mais antiga, enquanto que as barras cinzas destinadas a educação começam, de fato, aparecer a partir da década de 90. (SANTOS; MOHR, 2005) Considerando esse aspecto e valendo-se de igual análise atribuímos que houve neste período um crescente número de publicações a respeito da Classe Hospitalar. Porém, conforme Barros (2008, p. 35), “[...] ainda carece de investimentos empíricos que superem a marca excessivamente missionária dos discursos que se empregam em seu nome”.

Dessa forma, acreditamos na relevância deste trabalho, pois são esses novos conhecimentos produzidos que fortalecem e promovem o reconhecimento de um campo, enquanto ciência.

## **5 CONTEXTUALIZANDO OS MÉTODOS: PESQUISA DOCUMENTAL E ANÁLISE DE CONTEÚDO**

A produção de conhecimento na área da Classe Hospitalar, demanda a intensificação de estudos que permitam aferir sua trajetória, realizar avaliações críticas e propor novas possibilidades de investigação.

Produzir um estudo da produção do conhecimento sobre o tema da Classe Hospitalar constitui, de certa forma, um desafio. Trata-se de um objeto de estudo ainda pouco consolidado na pesquisa, não obstante a sua importância política e social. Inicialmente, tornou-se necessário considerar que os problemas da análise dessa produção recobrem um elenco significativo de questões que incidem, principalmente, sobre o próprio tema eleito para investigação e sua eventual presença nos estudos que constituem o campo da pesquisa em educação e saúde.

Estabeleceu-se métodos para tornar possível a realização de um diagnóstico capaz de oferecer um conteúdo relevante. O primeiro deles, foi a pesquisa documental, que teve por objetivo a obtenção de subsídios para iniciar as demais atividades técnicas e métodos utilizados. Teve início com a busca por documentos, informações por meio de levantamentos em artigos científicos existentes sobre o tema em estudo. A pesquisa documental é um método de pesquisa por excelência, porque, através dele, o pesquisador é capaz de proferir um novo modo de organização da realidade. Trata-se do momento de autoria em que um novo conhecimento é produzido.

A pesquisa documental tem como fonte de informação, documentos em sua versão primária, ou seja, contêm conhecimentos originais ou novas interpretações sobre as diversas áreas do conhecimento, gerando análises para posterior criação de informações tendo como finalidade a produção de novo conhecimento. Registrados em forma de: documentos institucionais conservados em arquivos;

documentos pessoais, como cartas e e-mails; fotografias, vídeos, gravações; catálogos de indexação de bibliotecas; sumários correntes; catálogos coletivos de periódicos; índices e resumos (*abstracts*); **artigos científicos**, etc. (APPOLINÁRIO, 2006; KÖCHE, 2008; LAKATOS, 1999)

Acrescentamos a esta pesquisa documental, a análise de conteúdo, que segundo Lüdke e André (1986, p. 38) “[...] pode constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

Para Bardin (2004, p. 36), a análise documental é:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Esta pesquisa configura-se, portanto, como um estudo quantitativo e qualitativo, tendo como referencial metodológico, os dois métodos anteriormente descritos.

A escolha por esses métodos trouxe alguns benefícios, já que como o estudo realizado não exige contato com os sujeitos da pesquisa, pudemos estabelecer horários para sua realização; exige apenas a disponibilidade de quem a realiza; não há necessidade de ir a campo e os documentos constituem-se fonte rica e estável de dados. (APPOLINÁRIO, 2006; GIL, 1997; KÖCHE, 2008; LAKATOS, 1999)

Ressaltamos, entretanto, que escolher a pesquisa documental, e a análise de dados como forma de coleta das informações, mostrou-se trabalhosa, uma vez que ao realizar as leituras na busca da compreensão a respeito da Classe Hospitalar, tínhamos que igualmente focarmos o objetivo do trabalho, ou seja, a captação por informações que identificasse, nos artigos científicos, produção de novos conhecimentos. O acesso a esses artigos requereu um gasto relativamente alto com impressões, embora alguns periódicos estivessem indexados em bases de dados, a leitura dos artigos em formato eletrônico impediu o transporte da amostra para possíveis leituras em diferentes ambientes, além de não ter beneficiado a uma postura ergonômica.

Estas desvantagem não comprometeram o estudo proposto, e a opção por essas técnicas enquanto procedimentos metodológicos nos ajudou a tentar responder a pergunta geradora do problema a investigado, sendo esta: Qual o perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da escolarização em hospitais? Esta vem sendo produção de novo conhecimento? Os dados obtidos foram descritos no capítulo que se segue.

## 6 ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

Avaliar significa estabelecer parâmetros de excelência, tarefa de difícil execução quando o que está em jogo, em última análise, é a produção de conhecimento. (YAMAMOTO, 2001)

Para a realização desta pesquisa foi necessário percorrer por algumas fases: a primeira delas foi compreendida por um levantamento sistemático dos artigos que versassem a respeito da temática da Classe Hospitalar, utilizando-se a biblioteca virtual organizada no *site*<sup>3</sup> do Centro de Estudos sobre Recreação, Escolarização e Lazer em Enfermarias pediátricas (Celelepe), coordenado pela Profa. Dra. Alessandra Barros. Este, Centro, por sua vez, estabeleceu como critério de seleção para os artigos ali hospedados, o fato de possuírem versão impressa e serem provenientes de periódicos minimamente com ISSN<sup>4</sup>.

Em termos de abrangência, este estudo foi realizado tomando-se por base, os artigos científicos, devido à exiguidade do tempo para expandi-lo por outras fontes de informações, como exemplo, as dissertações e teses, embora se reconheça que todas estas conferem igual valor na compreensão do objeto de estudo, a Classe Hospitalar. Um outro fator que nos fez optar pelos artigos diz respeito a sua circulação; pois entendemos que eles são mais facilmente acessados pelos usuários por serem divulgados em periódicos científicos indexados em bases de dados, o que, em sua grande maioria, não se estende às outras duas fontes citadas.

Os artigos foram inicialmente selecionados no *site* do Cerelepe, onde estão disponibilizados, em texto integral, 64 artigos; destes foram excluídos dez artigos em espanhol e um em inglês, totalizando 53 artigos. Acrescentou-se a tal procedimento buscas nos periódicos científicos existentes na Biblioteca Anísio Teixeira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia e também no *Google*

---

<sup>3</sup> <http://www.cerelepe.faced.ufba.br>

<sup>4</sup> International Standard Serial Number

*Acadêmico (Google Scholar)*. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Classe Hospitalar e crianças hospitalizadas, que resultaram em três artigos, estendendo-se esse mesmo valor aos encontrados na Biblioteca.

Dos artigos em espanhol, definimos por incluir dois deles, uma vez que foram produzidos por autores brasileiros, o que implica em um potencial de recuperação para autores de igual nacionalidade muito grande. Assim, nessa primeira etapa, o total de artigos científicos passou a ser de 61.

Para promover uma seleção desses artigos foi realizada uma leitura que chamamos de *exploratória*, de acordo com Ludke e André (1986), na tentativa de identificar quais deles apresentavam verdadeiramente, a temática da Classe Hospitalar, uma vez que nosso interesse era em artigos que trouxessem conhecimentos considerados como parte do atendimento escolar em hospitais.

Assim, foram mantidos somente aqueles que nominadamente referiam expressões como: Pedagogia Hospitalar, classe hospitalar, escola em hospitais e hospitalização escolarizada. Diante disso, foi feita uma nova seleção, e foram excluídos 14 artigos que, embora úteis para a compreensão do fenômeno da Classe Hospitalar ou para a instrução do trabalho nesse espaço, não foram selecionados para compor a amostra da pesquisa, uma vez que a sua constituição originária não fora deliberadamente esta. Dessa forma, a amostra para esta pesquisa ficou composta por 47 artigos publicados entre os anos de 1997 a 2008, em periódicos científicos (APÊNDICE A).

Depois dessa primeira etapa da pesquisa passamos então a analisar os artigos quanto às categorias de trabalhos acadêmicos a que pertenciam, ou seja, se estavam, apresentados sob a forma de Ensaio, Relato de experiência, Relato de pesquisa original ( pesquisa com desenho de investigação), Resenha ou Revisão de literatura (GRÁFICO 6). Manzini (2004, p. 275, grifos do autor) nos mostra que:

[...] ao avaliar *aspectos de conteúdo*, a primeira tarefa do consultor será fazer uma categorização do texto, ou seja, se ele se refere a um *ensaio*, a *experiência profissional*, a uma *revisão bibliográfica* ou a um *relato de pesquisa*, ou se o conteúdo se refere a uma *opinião* pessoal sobre um tema.

Os artigos analisados foram enquadrados em duas grandes categorias:

- a) artigos que veiculam novos conhecimentos produzidos a partir de investigação empírica de natureza qualitativa ou quantitativa, o chamado artigo original;
- b) artigos que não veiculam novo conhecimento, resultam apenas em relato de experiências, resenha, revisões de literatura e ensaios.

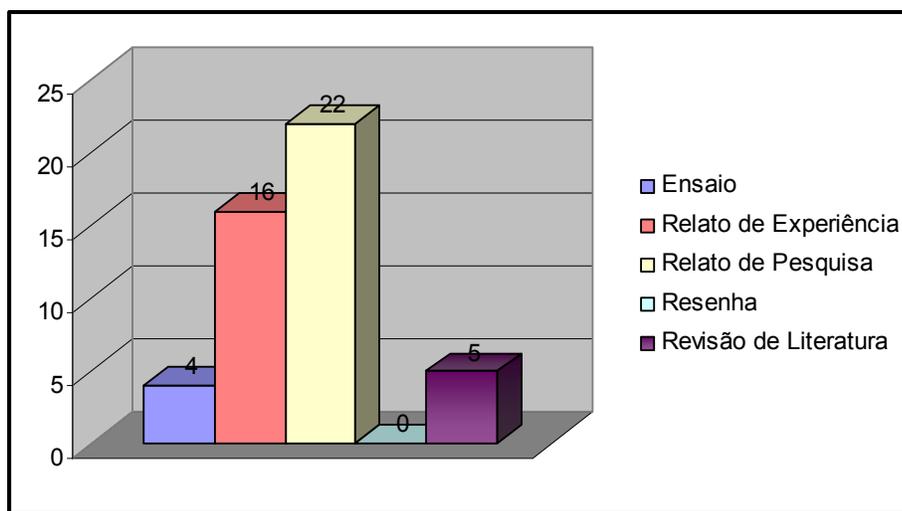


Gráfico 6: Categorias de trabalhos existentes nos artigos científicos (números relativos)  
Fonte: Pesquisa realizada

A análise do Gráfico 6 revela que há certo equilíbrio entre aos relatos de pesquisa original e os relatos de experiência, com predomínio dos primeiros, enquanto é relativamente menor a produção de ensaio e revisão de literatura. Um fato que nos chama a atenção é a ausência de trabalhos em forma de resenha, já que para Krzyzanowski, Ferreira e Medeiros (2005, p. 64), esta “ [...] configura-se como um resumo comentado acerca de publicações (em geral obras recém – lançadas)” isso nos faz pensar na possível carência de publicações que revelem-se através de conhecimentos sobre o assunto. Uma observação quantitativa entre os tipos de trabalhos existentes pode mostrar a possível divisão da área em duas vertentes: uma mais centrada na academia, configurando-se na produção de novos conhecimentos, os relatos de pesquisa, e outra mais profissional, o relato de experiência.

O segundo aspecto levantado diz respeito às instituições, às quais os autores dos artigos estão vinculados, tendo como critérios: a origem do primeiro autor, isso quando o artigo apresentava mais de um autor, bem como na presença de mais de

um autor, porém um é professor e o outro, aluno, optou-se pelo professor (TABELA 1). Vale ressaltar que esse critério de vinculação já foi anteriormente utilizado por Vergara e Pinto (2001); Loiola e Bastos (2003).

**Tabela 1:** Artigos por origem do primeiro autor.

Instituição	Número	%
UERJ	8	17,0
UFSM	7	14,9
UEPG	5	10,7
UFF	4	8,6
UFSC	4	8,6
UFBA	3	6,4
USP	3	6,4
FIOCRUZ	2	4,3
FEP	1	2,1
PUC PR	1	2,1
PUC SP	1	2,1
UFES	1	2,1
UFP	1	2,1
UFG	1	2,1
UFRGS	1	2,1
UNICENTRO	1	2,1
UNESP	1	2,1
UNIFESP	1	2,1
UPSAM	1	2,1
TOTAL	47	100,0

Fonte: Pesquisa realizada

Conforme dados da Tabela 1, oito instituições respondem por 76,9% dos artigos publicados, em um total de 19 instituições, no período pesquisado, o que evidencia a dedicação delas por esforços sistematizados de pesquisas sobre a Classe Hospitalar. Percebemos também, em ordem decrescente, que a UERJ, UFSM e UEPG são as instituições que mais produzem conhecimento acerca da citada temática. Nesse levantamento, verificamos que essas produções se originam, em sua grande maioria, de universidades federais, estas em número de sete.

Procedeu-se, também, a identificação do total de artigos publicados entre o período de 1997 a 2008, ou seja, temos a evolução da produção de conhecimento por mais de dez anos, a respeito da Classe Hospitalar. (TABELA 2)

**Tabela 2:** Número de publicações no decorrer do ano:1997-2008

Ano	Número de Artigos Científicos
1997	1
1998	1
1999	6
2000	1
2001	1
2002	3
2003	4
2004	6
2005	6
2006	3
<b>2007</b>	<b>10</b>
2008	5

Fonte: Pesquisa Realizada

Para uma melhor visualização da Tabela 2 apresentamos o número de publicações nos anos de 1997 a 2008 em formato de gráfico.

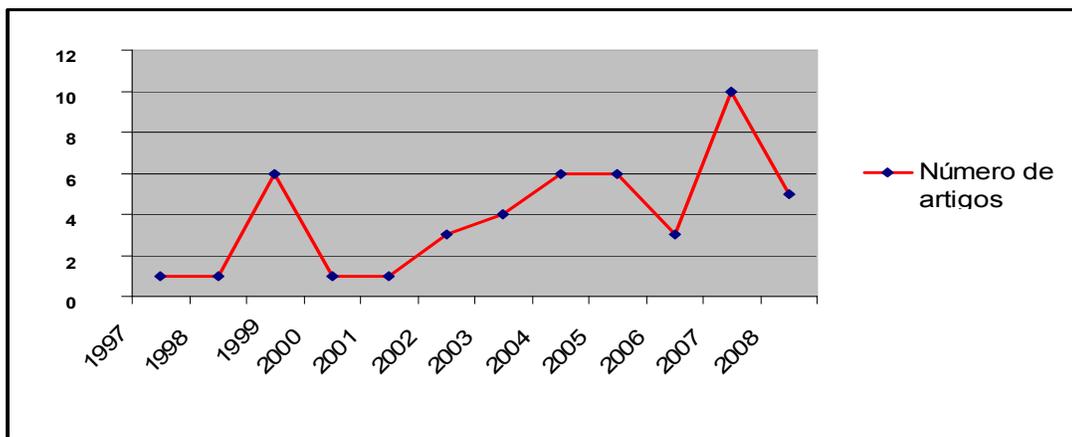


Gráfico 7: Número de publicações no decorrer do ano - 1997-2008.

Fonte: Pesquisa Realizada

Os dados apresentados na Tabela 2 e no Gráfico 7 nos permitem inferir que a produção de conhecimento em 1997 e 1998 ainda era bastante incipiente, já que foi a partir da década de 90 que, de fato, iniciaram-se movimentos em prol da reflexão dos saberes provenientes da Classe Hospitalar. Um outro aspecto analisado refere-se ao aumento de publicações no ano de 1999 e um decréscimo até o ano de 2001, havendo novamente um crescimento nos anos de 2002 a 2004. Verificamos ainda, que a maior concentração de artigos publicados se encontra no ano de 2007, que equivale a 21,3% do total de publicações do ano de 1997 a 2008.

Por ser a Classe Hospitalar um tema originalmente multidisciplinar, foram também analisados os títulos dos periódicos científicos e a sua distribuição pelas distintas áreas de conhecimentos, levando-se também em consideração o número de artigos neles contidos. (QUADRO 1)

<b>Título do periódico</b>	<b>Nº de artigos</b>	<b>Área</b>	<b>Título do periódico</b>	<b>Nº de artigos</b>	<b>Área</b>
Cadernos CEDES	5	Educação	Linhas Críticas	1	Educação
Revista da Escola Enfermagem USP	3	Saúde	Pátio - Revista Pedagógica	1	Educação
Olhar de Professor	3	Educação	Perspectiva	1	Educação
Temas sobre Desenvolvimento	3	Educação	Presença Pedagógica	1	Educação
Educação	2	Educação	Presente!	1	Educação
Educação e Pesquisa	2	Educação	Psicologia em Estudo	1	Educação
Movimento	2	Saúde	Psicologia: Reflexão e Crítica	1	Educação
Revista Brasileira de Educação	2	Educação	Revista Brasileira de Educação Especial-UNESP	1	Educação
Acta Oncológica Brasileira	1	Saúde	Revista Educação Unisinos	1	Educação
Acta Paulista de Enfermagem	1	Saúde	Revista Latino Americana de Enfermagem	1	Saúde
Cadernos de Educação Especial	1	Educação	Revista Latinoamericana de Estudios Educativos *	1	Educação
Ciência & Saúde Coletiva	1	Saúde	Revista Portuguesa de Educação **	1	Educação
Didática	1	Educação	Revista Salus	1	Saúde
Educar	1	Educação	Revista Sociedades Brasileiras de Câncer	1	Saúde
Estudos de Psicologia – Natal	1	Educação	Revista Teoria e Prática da Educação	1	Educação
Interação em Psicologia	1	Educação	Zona Próxima **	1	Educação
Linhas	1	Educação	—	—	—

Quadro 1: Título do periódico e número de publicações por área de conhecimento

Fonte: Pesquisa realizada

\*Periódico estrangeiro com artigo em espanhol e autor brasileiro.

\*\* Periódico estrangeiro com publicação de autor brasileiro.

Na Quadro 1, observamos um total de 33 títulos de periódicos que contém produtos acadêmicos que discorrem sobre a Classe Hospitalar. Estes periódicos percorrem áreas da Educação e da Saúde, com o predomínio da primeira, que possui 24 títulos de periódicos que veicularam saberes a respeito da citada temática. O *Cadernos CEDES* é o periódico que possui maior número de artigos, cinco, e detém 10,6% do total dos 47 artigos analisados. Isso se deve ao fato deste periódico no ano de 2007, em seu número 73, ter sido um caderno temático cujo tema foi *Educação da Criança Hospitalizada: as várias faces da pedagogia no contexto hospitalar*. Logo, os artigos dessa coletânea veiculavam apenas saberes necessários para a compreensão desta temática. A este periódico se seguem: *Olhar de Professor*; *Revista da Escola Enfermagem da USP* e *Temas sobre Desenvolvimento* cada um com de três artigos sendo o primeiro e o último provenientes da área de Educação e o segundo da área de Saúde. Percebemos, entretanto, que grande parte dos artigos publicados estão mais concentrados em movimentos de autores do campo educacional e que as pesquisas existentes na área da saúde ainda vêm caminhando de forma lenta.

Outra análise efetuada foi referente à qualidade desses periódicos no *Qualis*.  
(QUADRO 2)

Título do periódico	Qualis	Área	Título do periódico	Qualis	Área
Cadernos CEDES	A2	Educação	Linhas Críticas	B1	Educação
Educação	B1	Educação	Pátio – Revista Pedagógica	B3	Educação
Olhar de Professor	B4	Educação	Perspectivas	Não avaliada	Educação
Temas sobre Desenvolvimento	B3	Educação	Presença Pedagógica	B4	Educação
Educação e Pesquisa	A1	Educação	Presente!	C	Educação
Movimento	B3	Saúde	Psicologia em Estudo	A2	Educação
Revista Brasileira de Educação	A1	Educação	Psicologia: Reflexão e Crítica	A1	Educação
Revista da Escola Enfermagem USP	A2	Saúde	Revista Brasileira de Educação Especial	A2	Educação
Acta Oncológica Brasileira	B5	Saúde	Revista Educação Unisinos	B1	Educação
Acta Paulista de Enfermagem	B1	Saúde	Revista Latino Americana de Enfermagem	A2	Saúde
Cadernos de Educação Especial	B4	Educação	Revista Latinoamericana de Estudios Educativos	B3	Educação
Ciência & Saúde Coletiva	B1	Saúde	Revista Portuguesa de Educação	A2	Educação
Didática	Não avaliada	Educação	Revista Salus	B5	Saúde
Educar em Revista	A2	Educação	Revista Sociedades Brasileiras de Câncer	B5	Saúde
Estudos de Psicologia	A2	Educação	Revista Teoria e Prática da Educação	B2	Educação
Interação em Psicologia	B2	Educação	Zona Próxima	Não avaliada	Educação
Linhas	B4	Educação	—	—	—

Quadro 2: Título do periódico no *Qualis*  
 Fonte: Pesquisa realizada

Para uma melhor visualização do quadro 2 gerado pela presente avaliação, o Gráfico 8 apresenta a distribuição dos periódicos, considerados no parâmetro da qualidade.

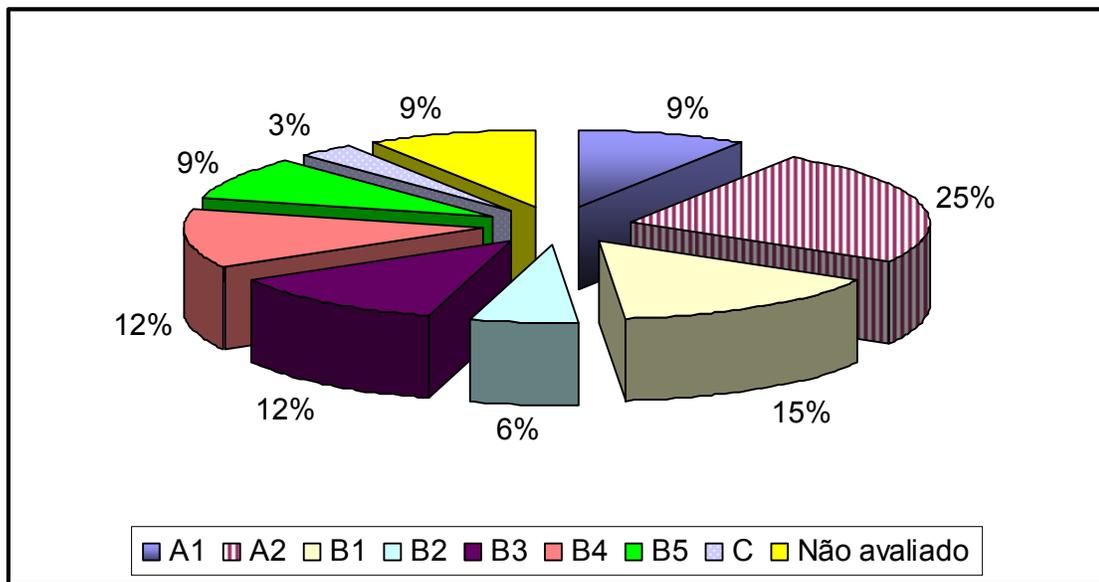


Gráfico 8: Distribuição dos periódicos científicos no *Qualis*.  
Fonte: Pesquisa realizada

Uma análise do Quadro 2 juntamente com o Gráfico 8 nos mostra que os periódicos avaliados estão distribuídos por estratos que variam de A1 a C. Os periódicos que receberam a classificação máxima, A1, equivalem a 9% (n=3) das publicações realizadas, sendo todos eles da área de educação. Vinte e cinco por cento (n=8) foram classificados com estrato A2, em que seis deles pertencem ao campo da Educação e dois ao da Saúde. Percebemos, também, que grande parte desses periódicos estão em estratos que variam de B1 a B5, totalizando 54% dos 33 títulos de periódicos que veiculam conhecimentos acerca da Classe Hospitalar. Verificamos que os menores estratos se encontraram entre os oito periódicos relacionados ao campo da Saúde, onde três deles obtiveram a avaliação B5. Entretanto, dos 25 periódicos que veiculam conhecimentos e são definidos como pertencentes à área de educação, três deles (9%) não foram avaliados no *Qualis* e um (3%) obteve avaliação C o que na definição dos estratos este último é tido como uma “publicação que se enquadra no conceito de periódico científico considerado não relevante no que concerne à divulgação do conhecimento científico próprio da área”.

Valendo-se de igual importância e na tentativa de analisar se os artigos eram de fácil acesso para pesquisadores e estudantes interessados na temática Classe Hospitalar, foi realizado um levantamento nas bases de dados do SciELO<sup>5</sup>, Edubase<sup>6</sup>, Bireme<sup>7</sup> e o catálogo do INEP<sup>8</sup>, visando saber se os títulos dos periódicos estavam indexados nessas bases (QUADRO 3). Esta iniciativa foi tomada em razão do que nos mostra Krzyzanowski, Ferreira e Medeiros (2005, p. 58) a respeito da qualidade do periódico científico: “[...] quanto maior o número de bases de dados onde está indexado, maior a valorização de sua qualidade, produtividade e, inclusão, a sua difusão indireta [...]”. Barbalho (2005, p. 124) nos acrescenta que “[...] isso facilita o recebimento de suportes mais significativos das agências de fomento, e acima de tudo, lhes permite atender as expectativas de leitores, cada vez mais exigentes [...]”.

Isto permite ao periódico ser incluído em base de dados internacionais e aumentar sua visibilidade. É importante observar que nem todos os periódicos editados são indexados e, nem todos os artigos publicados pelos periódicos indexados são necessariamente de boa qualidade. Para ser lido e citado, um artigo precisa ser encontrado pelo leitor. Os instrumentos de busca são os índices e periódicos de resumo ou bases de dados bibliográficos especializadas. Portanto, através da indexação é possível uma recuperação rápida e eficiente da informação, através de um mecanismo conhecido e utilizado em todo o mundo. (BARBALHO, 2005, OLIVEIRA, 2002)

---

<sup>5</sup> *Scientific Electronic Library Online.*

<sup>6</sup> Base nacional de artigos de periódicos, eventos e relatórios da área de Educação, coordenada pela Biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP.

<sup>7</sup> Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde.

<sup>8</sup> Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

<b>Título do periódico</b>	<b>Base de dados</b>	<b>Título do Periódico</b>	<b>Base de dados</b>
Caderno CEDES	Catálogos do INEP SciELO Bireme	Linhas Críticas	Catálogos do INEP
Educação- PUCRS	Catálogos do INEP	Pátio – Revista Pedagógica	Catálogos do INEP
Olhar de Professor	Catálogos do INEP Edubase	Perspectiva*	_____
Temas sobre Desenvolvimento	Catálogos do INEP Bireme	Presença Pedagógica	Catálogos do INEP
Educação e Pesquisa	Catálogos do INEP SciELO Edubase	Presente!*	_____
Movimento – Porto Alegre	Bireme Edubase	Psicologia em Estudo	SciELO Bireme
Revista Brasileira de Educação	Catálogos do INEP SciELO Bireme Edubase	Psicologia: Reflexão e Crítica	SciELO
Revista da Escola Enfermagem USP	SciELO Bireme	Revista Brasileira de Educação Especial - UNESP	Catálogos do INEP SciELO Edubase Bireme
Acta Oncológica Brasileira	Bireme	Revista Educação Unisinos*	_____
Acta Paulista de Enfermagem	SciELO Bireme	Revista Latino Americana de Enfermagem	SciELO Bireme
Cadernos de Educação Especial	Catálogos do INEP	Revista Latinoamericana de Estudios Educativos*	_____
Ciência & Saúde Coletiva	SciELO Bireme	Revista Portuguesa de Educação	SciELO Bireme
Didática*	_____	Revista Salus*	_____
Educar em Revista	Catálogos do INEP SciELO Edubase	Revista Sociedades Brasileiras de Câncer*	_____
Estudos de Psicologia Natal	Catálogos do INEP SciELO Bireme	Revista Teoria e Prática da Educação	Edubase
Interação em Psicologia	Bireme	Zona Próxima*	_____
Linhas	Catálogos do INEP		

Fonte: Pesquisa realizada

Quadro 3: Título do periódico indexação em bases de dados

\* Títulos não indexados em nenhuma das bases de dados verificadas.

Em uma análise da Quadro 3, verificamos que apenas dois títulos dos 33 periódicos analisados se encontram indexados nas quatro bases de dados pesquisadas, são elas: a *Revista Brasileira de Educação* e a *Revista Brasileira de Educação Especial*, o que evidencia maior qualidade e visibilidade. Oito periódicos não foram encontrados em nenhuma das bases de dados verificadas. Se compararmos tais resultados aos encontrados no Quadro 2, observamos que três dessas oito revistas, *Didática*, *Perspectiva* e *Zona Próxima*, não obtiveram avaliação do Sistema *Qualis* o que resultou no baixo grau de indexação. O periódico *Presente* pertencente ao estrato C, também não estava indexado nas bases de dados utilizadas. Observamos que grande parte desses periódicos estão indexado no catálogo do INEP e poucos na Bireme e Edubase.

Por fim, para tentarmos responder ao nosso questionamento: se as investidas a respeito da Classe Hospitalar têm sido baseadas na busca por novos conhecimentos, realizamos a análise dos 22 artigos classificados como relatos de pesquisa original (pesquisa com desenho de investigação). Assim o fizemos porque, esses artigos, verdadeiramente:

[...] são contribuições destinadas divulgar resultados de **pesquisa original e inédita** (grifo nosso), que possam ser replicados ou generalizados [...] e sua estrutura formal incorpora (1) introdução; (2) objetivos; (3) material e métodos; (4) resultados; (5) discussão; (6) conclusões ou considerações [...] resumo informativo em português e inglês (*abstract*) [...]. (KRZYZANOWSKI, FERREIRA E MEDEIROS, 2005, p. 63)

Uma vez identificados aqueles produtos que verdadeiramente representassem produção de conhecimento novo, estes foram submetidos a um aprofundamento da análise no sentido de distinguir-lhes a qualidade enquanto artigos empíricos. Para tanto, foi preciso considerar os aspectos indicativos na definição de Krzyzanowski, Ferreira e Medeiros (2005), bem como a origem do artigo, ou seja, o periódico em que publicado. Desse modo, julgou-se bons periódicos, aqueles que possuíssem o ISSN, e que fossem pelo menos indexado na base de dados do SciELO e catálogo do INEP.

Além, disso levamos em conta as análises realizadas nas diretrizes estabelecidas pelo periódico no qual o artigo original estava publicado, nelas

constavam que os manuscritos devem destinar-se exclusivamente ao periódico escolhido e estarem organizados nas seguintes seções: **artigo original**, revisões, resenhas, relato de experiência, dentre outros.

Para facilitar a identificação dos artigos, eles foram numerados de 1 a 22, indistintamente. Suas respectivas referências estão dispostas no Apêndice B.

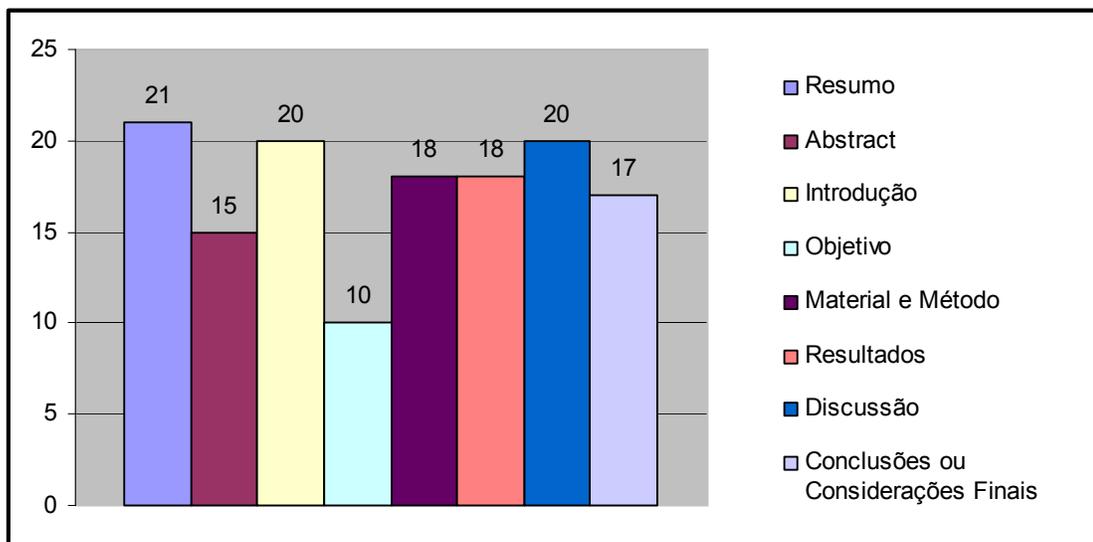


Gráfico 9: Artigo original e a identificação de aspectos da sua estrutura formal  
Fonte: Pesquisa realizada

Da análise feita nos 22 artigos, apenas seis (5, 6, 9, 18, 21 e 22) apresentaram todos os critérios que, segundo Krzyzanowski, Ferreira e Medeiros (2005), são fundamentais para serem classificados como artigo original. Um deles, o de número 1, não continham nenhum dos aspectos. O que nos leva a concluir que muitos deles não podem ser considerados verdadeiramente como artigos originais. Mas, embora os demais artigos acabem subtraindo um ou outro aspecto, todos eles cumprem os enquadramentos especificados nas diretrizes próprias dos periódicos onde estão publicados, já que uma das recomendações dessas diretrizes é a originalidade do artigo que será publicado. Considerando apenas, o que evidencia Krzyzanowski e colaboradores (2005), fica claro que dentre os artigos analisados poucos são aqueles que apresentam estrutura formal completa para sua categorização enquanto artigo original, ou seja, aqueles artigos que evidenciam a produção de novos conhecimentos.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Nunca a mesma água, sempre o mesmo rio.  
Nunca as mesmas flores, sempre a primavera.  
(CONFÚCIO apud FONTES, 2004, p. 279)*

A partir da análise desenvolvida nos capítulos anteriores pode-se tecer algumas considerações à luz das reflexões que foram colocadas ao longo desta monografia. A pesquisa levantou aspectos muito importantes sobre a maneira como é conduzida no Brasil a atividade das publicações periódicas a respeito da Classe Hospitalar. A descrição e a análise das características formais dos periódicos e artigos científicos revelaram:

Um leve predomínio de artigos em formato de relatos de pesquisa (artigo original) sobre os relatos de experiências. Podemos inferir que há prevalência de artigos originais mais típicos da área acadêmica e, simultaneamente, de esforço de pesquisa mais extensivo, que possa conduzir à generalização dos resultados, embora tenha sido expressiva a participação de artigos desenvolvidos com base em relatos singulares de experiência no conjunto analisado, voltados para a produção de conhecimentos mais verticalizados em torno de uma unidade singular de observação e análise. Tal fato parece configurar uma tendência ao desenvolvimento de maior esforço de reflexão teórica, voltado para equacionar problemas existentes no campo.

Percebemos o crescimento da produção científica sobre a Classe Hospitalar no decorrer dos anos analisados, 1997 a 2008, porém, essa produção ainda vem sendo realizada de maneira muito tímida, com o predomínio de instituições federais, o que confere o esforço por parte dos profissionais vinculados à essas instituições em realizar pesquisas que evidencie conhecimentos fundamentais para a compreensão da Classe Hospitalar.

Na realização desta pesquisa, percebemos que o prestígio do periódico está intimamente relacionado à qualidade da arbitragem e dos manuscritos submetidos. Estes constituem os indicadores primários de qualidade de um periódico, além de conferir a legitimidade de uma determinada área do saber enquanto ciência, segundo nossa percepção.

Sabemos que, o contexto de inserção da Classe Hospitalar, qual seja, o hospital, requer investidas que propiciem descobertas para o entendimento deste novo fenômeno. E a divulgação dos resultados das pesquisas permitirá um maior embasamento teórico-metodológico para realização das práticas e transformação das mesmas em saberes.

A visibilidade dessas produções decorre da indexação em bases de dados, porque, o que permite a disseminação da informação e a visibilidade da produção nacional, aumentando a possibilidade de que um artigo seja visto quando cientistas pesquisarem a literatura para novas descobertas em seus campos e decidirem qual trabalho citar em seus próprios artigos.

Verificamos, portanto, que dos periódicos analisados poucos foram aqueles que estavam indexados nas bases de dados, sem contar que encontramos um número considerável de periódicos que não estavam indexados em nenhuma das bases de dados escolhidas, e conseqüentemente seu estrato no *Qualis*, era baixo. Citamos como exemplo, a revista *Didática*, a qual foi atribuída esses achados, ou seja, ela não foi indexada nas bases de dados e não obteve estrato *Qualis*.

Reconhecemos, entretanto, o aumento nas publicações brasileiras, acerca das mais variadas áreas de conhecimentos, e especificamente, da Classe Hospitalar, mas, percebemos que poucas delas possuem os critérios que a definem como produções de qualidade.

Entendemos que o reconhecimento de uma determinada área do saber, enquanto ciência esta intimamente relacionada à produção de conhecimentos novos e que estes estejam divulgados em periódicos de qualidade, porém percebemos que a Classe Hospitalar, vista como um campo do conhecimento e do saber ainda “[...] carece, com certa urgência, de investimentos empíricos que superem a marca excessivamente missionária dos discursos que se empregam em seu nome”. (BARROS, 2008, p. 35)

Assim, queremos dizer que boa parte das produções científicas analisadas, relacionadas à escolarização de crianças e/ou adolescentes hospitalizados têm se caracterizado muito mais como simples movimento em prol da afirmação da existência de uma escola no hospital, em detrimento de análises experimentais que, de forma verdadeiramente crítica problematizam a realidade deste fenômeno. A esse respeito, Barros (2008, p. 35), nos acrescenta que:

[...] o espaço das publicações científicas requer que se vá além da afirmação de um direito e avance no sentido da proposição de perguntas de pesquisa, da investida empírica em campo, da coleta de dados e do alcance, mesmo que provisório, de respostas às hipóteses formuladas, uma vez que muito do que se observa, no atual estado da arte da produção acadêmica sobre escolarização de crianças em hospitais, são relatos pontuais de experiências que permitem apenas o grato compartilhamento e o reconhecimento mútuo e solidário das iniciativas de trabalho educacional com crianças hospitalizadas.

A afirmação de Barros nos ajuda a compreender os resultados encontrados nesta pesquisa. Pois, de fato reconhecemos que a Classe Hospitalar haverá de amadurecer e ter a sua legitimação à medida que o retorno dessas pesquisas evidenciem aos docentes, inseridos neste contexto, os ajustes necessários à realização da sua prática. Porque, a concepção de espaços próprios de ensino-aprendizagem para crianças e/ou adolescentes hospitalizados se converteriam em expressões para uma possibilidade não apenas de direitos da infância, mas, sobretudo como um enriquecimento teórico-metodológico dessa área do saber.

Assim, a Pedagogia que pretendemos, seja incluída, no atual contexto educacional, exige tanto um trabalho coletivo que é algo a ser conquistado, a médio e a longo prazo, quanto uma disponibilidade das pessoas envolvidas para a construção de novos conhecimentos que permitirão o reconhecimento, da Classe Hospitalar, enquanto ciência, dessa forma, poderemos transpor as fronteiras do educar.

Ressaltamos que, essa pesquisa não se encerra em si, já que, os conhecimentos adquiridos no decorrer da realização do trabalho proporcionaram novos questionamentos que podem impulsionar a realização de outros trabalhos

nessa área de conhecimento. Portanto, os resultados de uma pesquisa nunca se dão por terminado, vive do momento e da incompletude. Mas podem inspirar.

## REFERÊNCIAS

ADAMI, Anderson; MARCHIORI, Patrícia Zeni. Autoria e leitura de artigos por docentes pesquisadores: motivações e barreiras. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TRAGINO, Maria das Graças. ( Org.). **Preparação de revistas científicas: teoria e prática**. São Paulo: Reichmann & Autores Associados, 2005. p. 73-100

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2006. 209p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NRB 6021: informação e documentação - publicação periódica científica impressa – apresentação**. Rio de Janeiro, 2003. 9p.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Periódico científico: parâmetros para avaliação de qualidade. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TRAGINO, Maria das Graças. ( Org.). **Preparação de revistas científicas: teoria e prática**. São Paulo: Reichmann & Autores Associados, 2005. p. 123-158.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. ed. Lisboa - Portugal: Edições 70, 2004.

BARROS, Alessandra Santana. Escolas Hospitalares como espaço de intervenção e pesquisa. **Presente!** Salvador, ano 16, n. 61, p. 32-37, 2008.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E ADOLESCENTE. Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, p. 319-320, 17 out. 1995. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/conanda.htm>>. Acesso em: 20 maio 2009.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, p. 39-40, 14 de set. 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2009.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2009.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm)>. Acesso em: 27 maio 2009.

BRASI L. Ministério de Educação. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. – Brasília, 2002. 35p.

\_\_\_\_\_. Secretaria Estadual da Educação. Portaria n. 30, de 05 de março de 2001. Dispõe sobre a implantação de atendimento educacional na Classe Hospitalar para crianças e adolescentes matriculados na Pré-Escola e no Ensino Fundamental, internados em hospitais. **Lex: coletânea de legislação e jurisprudência**, Santa Catarina, 5 mar. 2001.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Tradução Maria Thereza Redig Carvalho Barrocas. 6. ed. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2006.

CECCIM, R. B. Educação Permanente em saúde: descentralização e disseminação de capacidade pedagógica em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 975-986, 2005.

\_\_\_\_\_. et al. Escuta pedagógica à criança hospitalizada. In: CECCIM, R.B., CARVALHO, P.R.A.(Org.) **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre : UFRGS, 1997, p. 16-84.

CRESPO, Jorge. **A história do corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DUPONT, Jairton; DIAS, Luiz Carlos. Renovação do *Qualis*: um exemplo da química. **Química Nova**, São Paulo, v. 31, n. 6, p. 1283-1284, 2008.

FERREIRA, Sueli Maria das Graças Pinto; TARGINO, Maria das Graças. Prefácio In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TRAGINO, Maria das Graças. ( Org.). **Preparação de revistas científicas: teoria e prática**. São Paulo: Reichmann & Autores Associados, 2005. p. 13-16.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnom, 2003. 100p.

\_\_\_\_\_. **Atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados: realidade nacional**. Brasília, DF: INEP, 1999a. p. 1-27.  
Disponível em: <<http://www.undime.org.br/htdocs/download.php?form=.pdf&id=24>>.  
Acesso em: 05 de jun. 2009.

\_\_\_\_\_. A situação brasileira do atendimento pedagógico - educacional hospitalar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n.1, p. 117-129, jan./jun.1999b.  
Disponível em: <http://www.scielo.br>> Acesso em: 09 abr.2009.

\_\_\_\_\_. Escolas em hospitais no Brasil. In: JORNADA NACIONAL E INTERNACIONAL SOBRE PEDAGOGIA HOSPITALARIA Y EL DERECHO A LA EDUCACION DEL NIÑO HOSPITALIZADO Y/O ENFERMO CRONICO, 10. Chile, 2008. **Anais eletrônicos...** Chile: [s.n.], 2008.  
Disponível em: <[http://www.fundacioncarolinalabra.cl/j\\_anteriores.php?ano=2008](http://www.fundacioncarolinalabra.cl/j_anteriores.php?ano=2008)>  
Acesso em: 6 jun. 2009.

- FONTES, Rejane de S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.29, p. 119 -138, maio/ jun.,jul., ago., 2005a.  
Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a10.pdf>.> Acesso em: 15 abr. 2009.
- \_\_\_\_\_. O desafio no hospital. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, MG, v.11, n. 64, p. 21-29, jul., ago., 2005b.
- \_\_\_\_\_. As possibilidades da actividade pedagógica como tratamento sócio-interativo da criança hospitalizada. **Revista Portuguesa de Educação**, v.1, n.19, p. 95-128, 2006.  
Disponível em:< <http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/livros>> Acesso em: 15 abr. 2009.
- \_\_\_\_\_. A reinvenção da escola a partir de uma experiência instituinte em hospital. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, maio, ago., 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 27 maio 2009.
- FOUCAULT, Michel. História da loucura na idade clássica. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 551p.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 295 p.
- FREIRE-MAIA, Newton. **A ciência por dentro**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- GAIO, Roberta. **Para além do corpo deficiente**: histórias de vida. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006.
- GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- GODOI, Adalto Felix de. **Hotelaria Hospitalar e humanização no atendimento em hospitais**: pensando e fazendo. São Paulo: Ícone, 2004. 167p.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução Dante Moreira Leite. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- GONÇALVES, Claudia Fontenelle; VALLE, Elizabeth R. M do. O significado do abandono escolar para a criança com câncer. **Acta Oncológica Brasileira**, São Paulo, v. 19, n. 01, p. 273-279, jul., 1998, dez., 1999.
- GUEDES, Maria do Carmo. Escrever e editar: compromisso com a disseminação de conhecimento. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n.3, p. 249-253, 2004.
- HELMAN, Gecil G. **Cultura, saúde e doença**. Tradução Claudia Buchweitz e Pedro M. Garcez. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- IBGE. **Normas de apresentação tabular**. 3. ed. Rio de Janeiro, 1993. 61p.

JUNQUEIRA, Maria de F. P. da S. A mãe, seu filho hospitalizado e o brincar. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 8, n. 1, p. 193-197, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br>>. Acesso em: 06 jun. 2009

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 182p.

KRZYZANOWSKI, Rosaly Fáveo; FERREIRA, Maria Cecília Gonzaga; MEDEIROS, Rildecí. Instrumental aos autores para preparação de trabalhos científicos. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TRAGINO, Maria das Graças.(Org.). **Preparação de revistas científicas**: teoria e prática. São Paulo: Reichmann & Autores Associados, 2005. p. 55-72.

LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_; PIMENTA, Selma G. Formação dos profissionais da educação. In: PIMENTA, Selma G. (Org). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez. 2002.

LOIOLA, Elizabeth; BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt. A produção acadêmica sobre aprendizagem organizacional no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 7, n. 3, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br>> Acesso em: 27 maio 2009.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas; SANTANA, Isnaia Veiga. Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses. 4. ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA, 2008. 145p.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCELLI, D. **Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5. ed. ver. Ijuí: Unijuí; Brasília, DF: Inep, 2006.

MASETTI, Morgana. **Boas misturas**: a ética da alegria no contexto hospitalar. Ilustrações Paulo Von Poser. São Paulo: Palas Athena, 2003.

\_\_\_\_\_. **Soluções de palhaços**: transformações na realidade hospitalar. São Paulo: Palas Athena, 1998.

MATOS, E.L.M.; MUGIATTI, M.M.T.F. **Pedagogia hospitalar**: a humanização integrando educação e saúde. Petrópolis: Vozes, 2006.

MANZINI, Eduardo José. Avaliação de artigos da Revista Brasileira de Educação Especial. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.10, n. 3, p. 273-286, set., dez., 2004.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário**: pedagogia do dissenso para o novo milênio. Tradução Márcia Moraes e Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MENEZES, Cinthya Vernizi Adachi de. **A necessidade da formação do pedagogo para atuar em ambiente hospitalar**: um estudo de caso em enfermarias pediátricas do Hospital de Clínicas da UFPR. Florianópolis, 2004.  
Disponível em: < <http://www.tede.ufsc.br/teses/PEPS>. >. Acesso em: 20 maio, 2009.

MORITA, Chitose. et. al. Humanização: reflexões sobre o cuidar e o cuidador. In: MEZZOMO, Augusto Antonio et al.(Org). **Fundamentos da humanização hospitalar**: uma versão multiprofissional. São Paulo: Loyola, 2003. p. 87-96.

MORSCH, Denise Streit; ARAGÃO, Priscila Menezes. A criança, sua família e o hospital: pensando processos de humanização. In: DESLANDES, SUELY FERREIRA ( Org.). **Humanização dos cuidados em saúde**: conceitos, dilemas e práticas. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2006. p. 235-260.

MUELLER, S. P. M. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 21- 34.

OLIVEIRA, Marcele Colares. Análise dos periódicos brasileiros de Contabilidade. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, n. 29, p. 68-86, maio, ago., 2002.

PECEGUEIRO, C. M. P. A. A ciência da informação e a comunicação científica. In: CASTRO, C. A. ([Org.]). **Ciência da informação e biblioteconomia**: múltiplos discursos. São Luís: EDFAMA, 2002. p. 96-108.

PESSOA, Simone. **Dissertação não é bicho-papão**: desmitificando monografias, teses e escritos acadêmicos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. 157p.

SANTOS, Débora dos. MOHR, Adriana. O ensino de ciências na classe hospitalar: identificação da literatura e análise da temática presente nos artigos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 5., Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABRAPEC, 2005. p. 1-12.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. **Revista de. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n.1 p. 29-41, 2007.

SILVA, Jocilene Maria da Conceição. Pedagogia Hospitalar: a educação no leito oferecida as crianças internadas no hospital infantil da Zona Leste de Manaus. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 3., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UFSCar, 2008. p. 1-10.

SIVADON, Paul; ZOILA, Adolfo Fernandez. **Corpo e terapêutica: uma psicopatologia do corpo**. Tradução Regina Steffen. Campinas, SP: Papirus, 1998

STUMF, Ida Regina Chitto. Avaliação de originais nas revistas científicas: uma trajetória em busca do acerto. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TRAGINO, Maria das Graças. ( Org.). **Preparação de revistas científicas**: teoria e prática. São Paulo: Reichmann & Autores Associados, 2005. p. 103-122.

TARGINO, Maria das Graças. Artigos científicos: a saga da autoria e co-autoria. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TRAGINO, Maria das Graças. ( Org.). **Preparação de revistas científicas**: teoria e prática. São Paulo: Reichmann & Autores Associados, 2005. p. 35-54.

VASCONCELOS, Sandra Maria Farias. Intervenção escolar em hospitais: a formação alternativa re-socializadora. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em 06 jun. 2009

VAZ. Alexandre Fernandez et al. Educação do corpo e seus limites: possibilidades ara a Educação Física na classe hospitalar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. I, p.71-87, jan./abr. 2005.

VERGARA, S. C.; PINTO, M. C. S. Referências teóricas em análise organizacional: um estudo das nacionalidades dos autores referenciados na literatura brasileira. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba. PR, v. 5, n. spe, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 06 jun. 2009

VIEIRA, Sônia Chagas. **Revistas científicas**: estudo de visibilidade das revistas publicadas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. 2006. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, 2006.

WERNER, Jairo. **Saúde e educação**: desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Vol. 5. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

## **ANEXO A – Definição de estratos pelo Sistema de qualificação *Qualis*.**



**FUNDAÇÃO COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR  
COORDENAÇÃO DE ÁREA: EDUCAÇÃO**

### **QUALIS PERIÓDICOS DEFINIÇÃO DOS ESTRATOS**

**A1-** Publicação amplamente reconhecida pela área, seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica, atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior). Ter ampla circulação por meio de assinaturas/permutas para a versão impressa, quando for o caso, e on-line. Periodicidade mínima de 3 números anuais e regularidade, com publicação de todos os números previstos no prazo. Possuir conselho editorial e corpo de pareceristas formado por pesquisadores nacionais e internacionais de diferentes instituições e altamente qualificados. Publicar, no mínimo, 18 artigos por ano, garantindo ampla diversidade institucional dos autores: pelo menos 75% de artigos devem estar vinculados a no mínimo 5 instituições diferentes daquela que edita o periódico. Garantir presença significativa de artigos de pesquisadores filiados a instituições estrangeiras reconhecidas (acima de dois artigos por ano). Estar indexado em, pelo menos, 6 bases de dados, sendo, pelo menos 3 internacionais.

**A2-** Publicação amplamente reconhecida pela área, seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica, atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior). Ter ampla circulação por meio de assinaturas/permutas, no caso de revistas apenas impressas, e estar, preferencialmente, disponível on-line. Periodicidade mínima de 2 números anuais e regularidade na edição dos números. Possuir conselho editorial e corpo de pareceristas formado por pesquisadores nacionais e internacionais de diferentes instituições e altamente qualificados. Publicar, no mínimo, 18 artigos por ano, garantindo ampla diversidade institucional dos autores: pelo menos 75% de artigos devem estar vinculados a, no mínimo, 5 instituições diferentes daquela que edita o periódico. Publicar pelo menos dois artigos por ano de autores filiados a instituições estrangeiras reconhecidas. Estar indexado em 5 bases de dados, sendo, pelo menos, 2 internacional.

**B1-** Publicação reconhecida pela área, seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente a uma comunidade acadêmico-científica, atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior). Ter circulação nacional por meio de assinaturas/permutas, no caso de revistas apenas impressas, sendo recomendado que esteja disponível on-line. Periodicidade mínima de 2 números anuais e regularidade na edição dos números. Possuir conselho editorial e corpo de pareceristas formado por pesquisadores nacionais e internacionais de diferentes instituições e qualificados. Publicar, no mínimo, 14 artigos por ano, garantindo ampla diversidade institucional dos autores: pelo menos 60 % de artigos devem estar vinculados a, no mínimo, 4 instituições diferentes daquela que edita o periódico. Publicar pelo menos um artigo ao ano de autores filiados a instituições estrangeiras reconhecidas. Estar indexado em, pelo menos, 4 bases de dados nacionais ou internacionais.

**B2-** Publicação reconhecida pela área, seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente a uma comunidade acadêmico-científica, atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior). Ter circulação nacional por meio de assinaturas/permutas, no caso de revistas apenas impressas, sendo recomendado que esteja disponível on-line. Periodicidade mínima de 2 números anuais e regularidade na edição dos números. Possuir conselho editorial e corpo de pareceristas formado por pesquisadores nacionais de diferentes instituições e qualificados. Publicar, no mínimo, 12 artigos por ano, garantindo diversidade institucional dos autores: pelo menos 50 % de artigos devem estar vinculados a, no mínimo, 3 instituições diferentes daquela que edita o periódico. Estar indexado em, pelo menos, 3 bases de dados nacionais ou internacionais.

**B3-** Publicação seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente a uma comunidade acadêmico-científica, atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior). Ter circulação nacional por meio de assinaturas/permutas, no caso de revistas apenas impressas, sendo recomendado que esteja disponível on-line. Periodicidade mínima de 2 números anuais e regularidade na edição dos números. Possuir conselho editorial e corpo de pareceristas formado por pesquisadores nacionais de diferentes instituições e qualificados. Publicar, no mínimo, 12 artigos por ano, garantindo diversidade institucional dos autores: pelo menos 40 % de artigos devem estar vinculados a, no mínimo, 3 instituições diferentes daquela que edita o periódico. Estar indexado em, pelo menos, 2 base de dados nacional ou internacional.

**B4-** Publicação seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente a uma comunidade acadêmico-científica, na qual devem constar ISSN, editor responsável, conselho editorial, linha editorial, normas para submissão de artigos, afiliação institucional dos autores, resumo(s) e descritores. Ter circulação, no mínimo, regional, periodicidade de 2 números anuais e regularidade na edição dos números. Possuir corpo de pareceristas formado por pesquisadores de diferentes instituições. Publicar, no mínimo, 12 artigos por ano, garantindo que pelo menos 50% deles seja de autores diferentes da instituição que publica o periódico. Estar indexado em, pelo menos, 1 base de dados nacional ou internacional.

**B5-** Publicação seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente a uma comunidade acadêmico-científica, na qual devem constar ISSN, editor responsável, conselho editorial, linha editorial, normas para submissão de artigos, afiliação institucional dos autores, resumo(s) e descritores. Ter periodicidade de 2 números anuais e regularidade na edição dos números. Possuir corpo de pareceristas formado por pesquisadores de mais de uma instituição. Publicar, no mínimo, 12 artigos por ano.

**C-** Publicação que se enquadra no conceito de periódico científico considerado não relevante no que concerne à divulgação do conhecimento científico próprio da área.

#### OBSERVAÇÃO:

Os periódicos poderão ser deslocados de um extrato de acordo com critérios não mencionados na descrição dos extratos acima, tais como: financiamento de agências de fomento; circulação por meio de assinaturas; reconhecimento e tradição na área.

## APÊNDICE A – Referências identificadas e analisadas quanto à temática presente

<b>Referências</b>
BARROS, Alessandra Santana. A prática pedagógica em uma enfermaria pediátrica: contribuições da classe hospitalar a inclusão desse alunado. <b>Revista Brasileira de Educação</b> , Rio de Janeiro, n. 29, p. 84-93, set./out./nov./dez., 1999.
_____. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. <b>Cadernos CEDES</b> , São Paulo, v. 27, n. 73, p.257-278, set./dez., 2007.
_____. Escolas hospitalares como espaço de intervenção e pesquisa. <b>Presente!</b> Salvador, ano 16, n. 61, p. 32-37, 2008.
BORTOLOTE, Giovana Soares; BRÊTAS, José Roberto da Silva. O ambiente estimulador ao desenvolvimento da criança hospitalizada. <b>Revista da Escola Enfermagem da USP</b> , v. 42, n. 3, p. 422-429, 2008.
CARDOSO, Terezinha Maria. Experiências de ensino, pesquisa e extensão no setor de pedagogia do HIJG. <b>Cadernos CEDES</b> , São Paulo, v. 27, n. 73, p. 305-318, set./dez., 2007.
CECIM, Ricardo Burg. Classe hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. <b>Pátio - Revista Pedagógica</b> , Porto Alegre, v. 3, n. 10, p. 41-44, ago./out. 1999.
FONSECA, Eneida Simões da; CECIM, Ricardo Burg. Atendimento pedagógico-educacional hospitalar: promoção do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança hospitalizada. <b>Temas Sobre Desenvolvimento</b> , Rio de Janeiro, v. 7, n. 42, p. 24-36, 1999.
_____. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. <b>Educação e Pesquisa</b> , São Paulo, v. 25, n. 1, p. 117-129, jan./jun. 1999.
_____. Atendimento pedagógico-educacional de bebês especiais no ambiente hospitalar. <b>Temas sobre Desenvolvimento</b> , Rio de Janeiro, v. 9, n. 49, p. 9-15, 2000.
_____. Classe hospitalar: ação sistemática na atenção as necessidades pedagógico-educacionais de crianças e adolescente hospitalizados. <b>Temas sobre Desenvolvimento</b> , Rio de Janeiro, v. 8, n. 44, p. 32-37, 1999.
_____. Implantação e implementação de espaço escolar para crianças hospitalizadas. <b>Revista Brasileira de Educação Especial</b> , Marília, v. 8, n. 2, p. 205-222, jul./dez. 2002.
FONTES, Rejane de S. A escuta pedagógica a criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. <b>Revista Brasileira de Educação</b> , Rio de Janeiro, n. 29, p. 119-138, maio/jun./jul./ago. 2005.
_____. A reinvenção da escola a partir de uma experiência instituinte em hospital. <b>Educação e Pesquisa</b> , São Paulo, v.30, n.2, p. 271-282, maio/ ago. 2004.
_____. As possibilidades da actividade pedagógica como tratamento sócio-afectivo da criança hospitalizada. <b>Revista Portuguesa de Educação</b> , Portugal, v.19, n. 1, p. 95-128, 2006.
_____. Da classe à pedagogia hospitalar: a educação para além da escolarização. <b>Linhas</b> , Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 72-92, jan./jun., 2008.
_____. Educación Hospitalaria: un recurso frente al regazo escolar. <b>Revista Latinoamericana de Estudios Educativos</b> , México, v. 23, n. 001, p. 151-160, 2003.

<p>FONTES, Rejane de S. O desafio da educação no hospital. O desafio no hospital. <b>Presença Pedagógica</b>, Belo Horizonte, MG, v.11, n. 64, p. 21-29, jul./ago., 2005.</p>
<p>_____. O papel da educação no hospital: uma reflexão com base nos estudos de Wallon e Vigotski. <b>Cadernos CEDES</b>, São Paulo, v. 27, n. 73, p. 279-303, set./dez. 2007.</p>
<p>FRANCANI, Giovana. et. al. Prescrição do dia: infusão de alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência a criança hospitalizada. <b>Revista Latino-americana de Enfermagem</b>, Ribeirão Preto, v. 6, n. 5, p. 27-33, dez. 1998.</p>
<p>FREITAS, Soraia Napolião. et. al. Inteligências múltiplas: desenvolvendo potencialidades em classe hospitalar. <b>Educação PUCRS</b>, Porto Alegre, v. 55, n. 1, p. 101-115, jan./abr., 2005.</p>
<p>FUNGHETTO, Suzana Schwerz; SOARES, Marlene da Silva. Formação de professores na perspectiva inclusiva: uma ação pedagógica em classe hospitalar no HUB. <b>Linhas Críticas</b>, Brasília, v. 9, n. 16, p. 141-154, jan./jun., 2003.</p>
<p>GIL, Juliana Dallarmi. et. al. O significado da prática pedagógica no contexto hospitalar. <b>Olhar de Professor</b>, Ponta Grossa, v. 1, n. 4, p. 103-114, 2001.</p>
<p>_____. O fazer pedagógico em âmbito hospitalar. <b>Olhar de Professor</b>, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 17-76, 2002.</p>
<p>GONÇALVES, Claudia Fontenelle; VALLE, Elizabeth R. M do. O significado do abandono escolar para a criança com câncer. <b>Acta Oncológica Brasileira</b>, São Paulo, v. 19, n. 01, p. 273-279, jul., 1998, dez., 1999.</p>
<p>INVERNIZZI, Lisandra; VAZ, Alexandre Fernandes. Educação Física: uma pesquisa sobre sua organização pedagógica na classe hospitalar. <b>Movimento</b>, Porto Alegre, v. 14, n. 02, p. 115-132, maio/ago. 2008.</p>
<p>JUNQUEIRA, Maria de F. A mãe, seu filho hospitalizado e o brincar: um relato de experiência. <b>Estudos de Psicologia</b>, v. 1 n. 8, p. 193-197, 2003.</p>
<p>MEDEIROS, Jose Gonçalves; GABARDO, Andréia A. Classe hospitalar: aspectos da relação professor-aluno em sala de aula de um hospital. <b>Interação em Psicologia</b>, Paraná, v. 1, n. 8, p. 67-79, 2004.</p>
<p>MITRE, Rosa; GOMES, Romeu. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. <b>Ciência &amp; Saúde Coletiva</b>, Rio de Janeiro, v. 1, n. 9, p. 147-154, 2004.</p>
<p>MOTTA, Alessandra Brunoro; ENUMO, Sônia R. F. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. <b>Psicologia em Estudo</b>, Maringá, v. 9, n. 1, p. 19-28, 2004.</p>
<p>MUNHÓZ, Maria Alcione; ORTIZ, Leodi Conceição Meireles. Um estudo da aprendizagem e desenvolvimento de crianças em situação de internação hospitalar. <b>Educação PUCRS</b>. Porto Alegre, v. 58, n. 1, p. 65-83, jan./abr. 2006.</p>
<p>MUÑOZ, Mônica Barby; OLIVEIRA, Jáima Rinheiro de. O escolar hospitalizado e suas implicações para a saúde e educação. <b>Revista Salus</b>, Paraná, v. 1, n. 1, jan./ jun., 2007.</p>
<p>NOGUEIRA, Lilians Azevedo. et. al. Atendimento pedagógico-hospitalar: uma experiência inovadora em Campo de Goitacazes - RJ. <b>Perspectivas</b>, Rio de Janeiro, v. 2, n. 8, 2008.</p>

<p>PAULA, Ercília Maria de. A literatura infantil e o vídeo na escola do hospital: diferentes linguagens de inclusão social. <b>Olhar de Professor</b>, Ponta Grossa, v. 2, n. 10, p. 181-193, 2007.</p>
<p>_____. Crianças e adolescentes que voam em jaulas: a tecnologia promovendo a liberdade no hospital. <b>Cadernos CEDES</b>, São Paulo, v. 27, n. 73, p. 319-334, set., dez., 2007.</p>
<p>_____. O ensino fundamental na escola do hospital: espaço de diversidade e cidadania. <b>Revista Educação Unisinos</b>, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 3, p. 156-164 set., dez., 2007.</p>
<p>OLIVEIRA, Sâmela Gomes. et. al. O Lúdico e suas implicações nas estratégias de regulação das emoções em crianças hospitalizadas. <b>Psicologia: Reflexão e Crítica</b>, Porto Alegre, v.1, n. 16, p. 1-13, 2003.</p>
<p>ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS, Soraia Napoleão. Considerações acerca da inclusão escolar de crianças pós-hospitalizadas. <b>Cadernos de Educação Especial</b>, Rio Grande do Sul, n.20, p. 1-8, 2002.</p>
<p>PETRILLI. A.; KANEMOTO, Eduardo. A frequência e a matrícula escolar de crianças e adolescentes com câncer. <b>Revista Sociedades Brasileiras de Câncer</b>, v. 1, n.1, p. 10-15, 2004.</p>
<p>PIRES JÚNIOR, Igor. A perspectiva de profissionais de saúde sobre o atendimento educacional em classe hospitalar. <b>Didática</b>, São Paulo, n. 31, p.175-197, 1997.</p>
<p>RIBEIRO, Circéa Amália; ANGELO, Margareth. O significado da hospitalização para a criança pré-escolar: um modelo teórico. <b>Revista da Escola Enfermagem da USP</b>, v. 4, n. 39, p. 391-400, 2005.</p>
<p>TOMASINE, Ricardo. O diálogo como estratégia das ações educativas no hospital: o pedagogo hospitalar e alguns saberes e fazeres. <b>Zona Próxima</b>, n. 8, p. 62-77, dez. 2007</p>
<p>TORRES, Patrícia Lupion. Laboratório on-line de aprendizagem: uma experiência de aprendizagem colaborativa por meio do ambiente virtual de aprendizagem eureka@kids. <b>Cadernos CEDES</b>, São Paulo, v. 27, n. 73, p. 335-352, set., dez., 2007.</p>
<p>VALADARES, Ana Claudia A.; CARVALHO, Ana Maria Pimenta. A Arteterapia e o desenvolvimento do comportamento no contexto da hospitalização. <b>Revista Escola de Enfermagem da USP</b>, v. 3, n. 40, p. 350-355, 2006.</p>
<p>_____. A arteterapia no contexto da hospitalização pediátrica: construção com sucata. <b>Acta Paulista de Enfermagem</b>, São Paulo, v. 1, n.18, p. 64-71, 2005.</p>
<p>VAZ, Alexandre Fernandes. et. al. Educação do corpo e seus limites: possibilidades para a Educação Física na classe hospitalar. <b>Movimento</b>, Porto Alegre, v.11, n.1, p.71-87, jan., abr., 2005.</p>
<p>ZARDO, Sinara Pollom. O trabalho por projetos pedagógicos em classe hospitalar: transformando ações e concepções educacionais. <b>Revista Teoria e Prática da Educação</b>, Maringá, v.7, n.1, p.91-96, jan., abr., 2004.</p>
<p>_____. Educação em classes hospitalares: ações e concepções à luz da teoria da complexidade. <b>Educar em Revista</b>, Curitiba, n. 30, p. 185-196, 2007.</p>

**APÊNDICE B – Referências identificadas e analisadas quanto à classificação de artigos originais**

<b>Referências artigos originais</b>	
<b>1</b>	FONSECA, Eneida Simões da. Classe Hospitalar: ação sistemática na atenção as necessidades pedagógico-educacionais de crianças e adolescente hospitalizados. <b>Temas sobre Desenvolvimento</b> , v. 8, n. 44, p. 32-37, 1999.
<b>2</b>	MOTTA, Alessandra Brunoro; ENUMO, Sônia R. F. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 9, n. 1, p. 19-28, 2004.
<b>3</b>	PIRES JÚNIOR, Igor. A perspectiva de profissionais de saúde sobre o atendimento educacional em classe hospitalar. <b>Didática</b> , São Paulo, n. 31, p.175-197, 1997.
<b>4</b>	MITRE, Rosa; GOMES, Romeu. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. <b>Ciência &amp; Saúde Coletiva</b> , Rio de Janeiro, v. 1, n. 9, p. 147-154, 2004.
<b>5</b>	MEDEIROS, Jose Gonçalves; GABARDO, Andréia A. Classe hospitalar: aspectos da relação professor-aluno em sala de aula de um hospital. <b>Interação em Psicologia</b> , Paraná, v. 1, n. 8, p. 67-79, 2004.
<b>6</b>	FONSECA, Eneida Simões da; CECIM, Ricardo Burg. Atendimento pedagógico-educacional hospitalar: promoção do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança hospitalizada. <b>Temas sobre Desenvolvimento</b> , Rio de Janeiro, v. 7, n. 42, p. 24-36, 1999.
<b>7</b>	PAULA, Ercília Maria de O ensino fundamental na escola do hospital: espaço de diversidade e cidadania. <b>Revista Educação Unisinos</b> , Rio Grande do Sul, v. 11, n. 3, p. 156-164, set./dez. 2007.
<b>8</b>	FONTES, Rejane de S. As possibilidades da actividade pedagógica como tratamento sócio-afectivo da criança hospitalizada. <b>Revista Portuguesa de Educação</b> , Portugal, v. 19, n. 1, p. 95-128, 2006.
<b>9</b>	FONSECA, Eneida Simões da. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. <b>Educação e Pesquisa</b> , São Paulo, v. 25, n. 1, p. 117-129, jan., jun., 1999.
<b>10</b>	GONÇALVES, Claudia Fontenelle; VALLE, Elizabeth R. M do. O significado do abandono escolar para a criança com câncer. <b>Acta Oncológica Brasileira</b> , São Paulo, v. 19, n. 01, p. 273-279, jul., 1998, dez., 1999.
<b>11</b>	RIBEIRO, Circéa Amália; ANGELO, Margareth. O significado da hospitalização para a criança pré-escolar: um modelo teórico. <b>Revista da Escola Enfermagem da USP</b> , v. 4, n. 39, p. 391-400, 2005.
<b>12</b>	INVERNIZZI, Lisandra; VAZ, Alexandre Fernandes. Educação Física: uma pesquisa sobre sua organização pedagógica na classe hospitalar. <b>Movimento</b> , Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 115-132, maio/ago. 2008.
<b>13</b>	PETRILLI, A.; KANEMOTO, Eduardo. A frequência e a matrícula escolar de crianças e adolescentes com câncer. <b>Revista Sociedades Brasileiras de Câncer</b> , v. 1, n.1, p. 10-15, 2004.
<b>14</b>	VALADARES, Ana Claudia A.; CARVALHO, Ana Maria Pimenta. A Arteterapia e o desenvolvimento do comportamento no contexto da hospitalização. <b>Revista Escola de Enfermagem da USP</b> , v. 3, n. 40, p. 350-355, 2006.

15	OLIVEIRA, Sâmelá Gomes. et. al. O Lúdico e suas implicações nas estratégias de regulação das emoções em crianças hospitalizadas. <b>Psicologia: Reflexão e Crítica</b> , Porto Alegre, v.1, n. 16, p. 1-13, 2003.
16	VALADARES, Ana Claudia A.; CARVALHO, Ana Maria Pimenta. A arteterapia no contexto da hospitalização pediátrica: construção com sucata. <b>Acta Paulista de Enfermagem</b> , São Paulo, v. 1, n.18, p. 64-71, 2005.
17	FUNGHETTO, Suzana Schwerz; SOARES, Marlene da Silva. Formação de professores na perspectiva inclusiva: uma ação pedagógica em Classe Hospitalar no HUB. <b>Linhas Críticas</b> , Brasília, v. 9, n. 16, p. 141-154, jan., jun., 2003.
18	MUNHÓZ, Maria Alcione; ORTIZ, Leodi Conceição Meireles. Um estudo da aprendizagem e desenvolvimento de crianças em situação de internação hospitalar. <b>Educação PUCRS</b> . Porto Alegre, v. 58, n. 1, p. 65-83, jan., abr., 2006.
19	FONSECA, Eneida Simões da. Atendimento pedagógico-educacional de bebês especiais no ambiente hospitalar. <b>Temas sobre Desenvolvimento</b> , Rio de Janeiro, v. 9, n. 49, p. 9-15, 2000.
20	FREITAS, Soraia Napolião. et. al. Inteligências múltiplas: desenvolvendo potencialidades em classe hospitalar. <b>Educação PUCRS</b> , Porto Alegre, v. 55, n. 1, p. 101-115, jan., abr., 2005.
21	MUÑOZ, Mônica Barby; OLIVEIRA, Jáima Rinheiro de. O escolar hospitalizado e suas implicações para a saúde e educação. <b>Revista Salus</b> , Paraná, v. 1, n. 1, jan., jun., 2007.
22	BORTOLOTE, Giovana Soares; BRÊTAS, José Roberto da Silva. O ambiente estimulador ao desenvolvimento da criança hospitalizada. <i>Revista da Escola Enfermagem da USP</i> , v. 42, n. 3, p. 422-429, 2008.